ANO 9.º LISBOA — QUARTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1929 N.º 2613

Diario de Lisbôa

Numero avulso 80 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 42, 2.
Endereço Telegrafico: DIROA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 40
TELEFONES { Direcção: T. 153 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico DIROA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

COMEMORANDO o cinquentenario da lampada electrica, iniciaram-se ontem as iluminações de alguns monumentos nacionais, mandadas executar pela Sociedade Philips, que tomou entre nós a iniciativa da comemoração.

O Rossio, com o Teatro Nacional maravilhosamente iluminado e alguns focos incidindo sôbre os lagos e a estatua de D. Pedro, oferecia o aspecto moderno duma grande praça europeia.

E' pena que a Camara Municipal não mande colocar ali uns quatro candieiros monumentais, que emprestariam á linda praça um aspecto magestoso, completando a sua magnifica iluminação.

O mesmo se podia fazer na Praça dos Restauradores e ao longo da Avenida, que, sem um excessivo dispendio de energia electrica, ficariam á altura de uma grande cidade moderna.

Ao Rossio acorreram ontem milhares de pessoas, que não se cansaram de admirar o efeito maravilhoso das iluminações, tanto no Teatro Nacional como na estatua de D. Pedro.

E já que estamos em maré feliz de inovações e melhoramentos, lembramos tambem á Camara Municipal que convide a Companhia Carris a retirar aquele antiquado quiosque que enfrenta a fachada do Teatro Nacional, deixando de fazer ali estação de carros, a fim de não prejudicar a vista do famoso monumento.

As iluminações, que têm sido dirigidas pelo sr. engenheiro José Carlos Santos, prosseguem hoje e prolongam-se até ao dia 21, devendo os focos electricos incidir tambem sôbre o convento do Carmo e o monumento dos Restauradores.

* * *

O "DIARIO" de hoje publica o seguinte:

"Artigo 1.º—E' permitido ao Presidente da Republica ausentar-se do territorio nacional a fim de visitar oficialmente a Espanha.

Art. 2.º—O Presidente da Republica será acompanhado nessa visita pelo Presidente do Ministerio e Ministro do Interior, pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros e pelas respectivas comitivas.

Art. 3.º—Durante a ausencia do Presidente da Republica o Govêrno ficará conjuntamente investido das atribuições constantes do artigo 2.º do decreto n.º 12.740, de 26 de Novembro de 1926".

* * *

A PRIMEIRA pagina do *Sempre Fixe* desta semana é uma engraçada "charge" de Francisco Valença: "O ex-barbeiro criado de restaurante".

Stuart Carvalhais tem quatro desenhos admiraveis. E a restante colaboração artistica—que é excelente, como a literaria—é de Amarelhe, Rocha Vieira, Botelho e D. Fuas.

* * *

EM suplemento á folha oficial foram publicados os decretos mandando que, durante a sua ausencia em Espanha, os srs. presidente do Ministerio, ministro do Interior e ministro dos Estrangeiros sejam, respectivamente, substituidos pelos seus colegas da Justiça, da Instrução e da Marinha.

A protecção á cultura

Os jornais espanhois noticiam que um titular milionario, o Conde de Cartagena, deixou em testamento importantissimas somas a varias instituições de cultura. Ora, parece que o Conde de Cartagena não era um dêstes titulos que se perdem na noite dos tempos e que capitalizam lentamente uma arrogancia planaltica. E', pelo contrario, o representante de uma dinastia de capitalistas *indios*, designação que corresponde em Espanha á nossa de *brasileiros*.

Gomez de Baquero, que n'*El Sol* se ocupa brilhantemente da dadiva, põe em relêvo a circunstancia de que a maioria dos doadores desta ordem se recruta no povo e na burguesia, de-certo, porque, ao amealharem uma fortuna, têm presente a incultura em que nasceram e se criaram. De facto, a sumptuosidade dos salões e o fofo dos berços dourados não são as melhores chocadeiras de sentimentos altruistas, nem sequer da agudeza de vistas necéssaria para medir o alcance de empreendimentos desinteressados.

O que se dá com Espanha, deu-se com Portugal. Não foi nenhum descendente de Albuquerque terribil ou Castro forte quem fez criar, por exemplo, o instituto de Investigação Scientifica, confiado á direcção do prof. Ferreira de Mira, velho e ilustre pioneiro da divulgação cultural, como não foi nenhuma vergontea de D. Fuas ou de *micer* Lançarote Passanha o instituidor da Cadeira de Estudos Camonianos da Universidade de Lisboa, regida pelo prof. José Maria Rodrigues, principe de humanistas e estudiosos de Camões.

Bento da Rocha Cabral e Zeferino de Oliveira são nomes que denunciam a sua procedencia popular. Só êles ou tais como êles, criados na pobresa ou numa mediania, afeiçoados pelas durezas da emigração e da concorrencia, poderiam compreender as vantagens de instituições que preparam os homens, justamente, para atenuarem essas durezas, enobrecendo a vida e criando ideais de eqüidade.

Já lá vai o tempo em que Eça de Queiroz engatilhava o seu monóculo para falar um pouco *ex cathedra* do comendador Peres Cardoso, que lhe deixára dois contos em testamento como testemunho de admiração e desusado incentivo. O comendador Peres Cardoso, já agora erecto em simbolo, saiu das mãos do Eça com laivos da tinta escarninha com que o escritor pintara Acácio. E' preciso lavá-lo dessa mancha e retocá-lo com justiça.

Tanto ou mais do que os prégadores de civismo, estes homens formados no negócio, taciturnamente generosos, merecem a admiração reverente de quem se empenha no ressurgimento do seu torrão. Depois, doações como as dos portugueses citados e a do Conde de Cartagena demonstram como os *amigos de dar* se vão esquecendo da tunica do Senhor dos Passos e lembrando das vivas e agudas necessidades nacionais.

Que o *brasileiro* religioso contribua com o seu óbolo para as obras de cultura religiosa, acho bem; mas que siga na esteira do barão de orago da monarquia, — castiçal a este, sino áquele, apagadeira áqueloutro, — é que me parece sinal de reversão dos tempos, que começam a ser trabalhados não sei por que surda e acaçapada mentalidade *frailuna* (como dizem os espanhois), toda pézinhos de lã para não acordar as sombras...

Victorino Nemésio

O cincoentenario da lampada electrica

O aspecto que oferecia o Rossio ontem á noite

AS obras do Aterro têm modernisado consideravelmente a parte marginal da cidade, merecendo a Camara Municipal os maiores louvores pela iniciativa patriotica que tomou.

Para completar essa obra monumental que ha-de prosseguir mais tarde com o rompimento da Avenida da India na parte em que ainda não está feito, era absolutamente indispensavel que a Camara convidasse os proprietarios de armazens e casinhotos instalados á beira da linha a modernisarem as suas propriedades e a demolirem aquelas que não são susceptiveis de modernisação.

A Sociedade Estoril, que prestou com a electrificação da sua linha um serviço inestimavel á população de Lisboa e das povoações ribeirinhas da Costa do Sol, devia, por sua vez, contribuir para essa magnifica obra de modernisação da cidade, substituindo as antigas barracas dos agulheiros, que destoam do traçado moderno das suas estações e das suas magnificas oficinas.

Com uma pequena despesa, evitaria, ao longo da linha, o espectaculo desagradavel dessas guaritas de madeira, acabando assim de conquistar o direito ao reconhecimento da população.

* * *

POR um real decreto de 5 de Setembro foi concedida pelo Govêrno belga a Cruz de Guerra com Palma ao Soldado Desconhecido português.

Para esta alta distinção, que vem estreitar ainda mais as relações de cordial amizade existentes entre nós e aquela heroica Nação, grandemente contribuiu a acção patriotica e inteligente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, que nunca perde uma oportunidade de bem servir o País.

As respectivas insignias serão entregues no proximo dia 11 de Novembro, dia em que será igualmente feita, em Bruxelas, entrega solemne da Cruz de Guerra com que o Govêrno português ha tempos condecorou o Soldado Desconhecido belga.

A Mr. Achille Reisdorff, presidente cessante da Fidac, e ao sr. Shirley Pereira, seu vice-presidente por Portugal, são devidos os maiores agradecimentos pelo seu trabalho de aproximação entre a Belgica e Portugal.

* * *

ACOMPANHADO pela sua comitiva, da qual faz parte uma linda secretária de nacionalidade francesa, partiu hoje de automovel para Sevilha Sua Alteza o Maharajá de Barodá, Sir Sayall Rao Gekwar Sena Kas Khel Shamsher, que se demorou entre nós apenas o tempo necessario para visitar Sintra e a Costa do Sol, cujas belezas o deixaram verdadeiramente encantado.

O riquissimo principe indiano, que atravessou Lisboa discretamente, evitando as objectivas dos fotografos e as preguntas indiscretas dos jornalistas, jantou ontem no Avenida Palace, tendo recolhido em seguida aos seus aposentos.

De tarde, mandou entregar os seus cartões na Presidencia da Republica, no ministerio dos Negocios Estrangeiros e na Embaixada de Inglaterra.

A Musica

Sociedade de Musica de Camara

A Sociedade Nacional de Musica de Camara, cujo prestigio e probidade artistica é desnecessario encarecer e a quem se deve grande parte do desenvolvimento musical dos ultimos anos, mercê das vontades decididas e competentes dos seus directores, esta elaborando um extenso e oportuno programa de trabalhos a realizar na nova época de 1929-1930, para o que ja iniciou algumas importantes «démarches» junto do Govêrno e das esferas culturais do nosso meio artistico-intelectual.

O referido programa de trabalhos que, certamente vai interessar todo o pais pelo que encerra de novidade e sensação, pode dividir-se em duas partes caracterisadamente distintas, ainda que do conjunto resulte um ponto de vista, a todos os titulos, homogeneo.

A primeira parte obedece ao pensamento que presidiu á fundação da Sociedade—os concertos ordinarios, realizados no Conservatorio, com a colaboração das mais ilustres figuras da musica portuguêsa, que têm dado a conhecer, em brilhantes series de primeiras audições, muitas das obras primas da musica de camara estrangeira.

A segunda parte é destinada aos concertos extraordinarios, iniciados nos ultimos três anos com as execuções da «Missa Solene», de Beethoven, e «Beatitudes», de Cesar Franck, em Lisboa e Porto, sob a regencia de Fernando Cabral, e que esta temporada terão maior amplitude e um bem vincado objectivo de nacionalismo.

E' sabido que na historia da musica portuguesa ha paginas de notavel realce e profundo sentimento patriotico, desconhecidas da maioria das massas populares e até eruditas, umas—outras, completamente ineditas, por motivos de ordem varia, entre as quais a morte dos seus compositores, documentos autograficos que pessoas de familia carinhosamente guardam e cujo conhecimento vem, em alto grau, enriquecer a galeria da nossa criação musical—na critica, na difusão e nas respectivas influencias.

Dalguns dêstes compositores que as passadas gerações se habituaram a considerar como mestres e orientadores, possuindo uma reputação internacional que legitimamente nos envaidecia, acaba de obter a Sociedade Nacional de Musica de Camara preciosissimos ineditos destinados a retumbante sucesso. E' com uma obra dêste genero, para grande orquestra, côro misto e solos, obra palpitante do excepcional e emotivo talento que celebrizou o seu autor, de quem oportunamente revelaremos o nome—que a Sociedade em referencia iniciara, num dos melhores teatros de Lisboa, o primeiro espectaculo extraordinario da série que empreendeu.

A par dêste nobre objectivo, ha ainda a ideia da reposição de algumas operas caracterizadamente nacionalistas e de quasi apagada lembrança, mas que deram ha longos anos e ao nosso teatro lirico noites de triunfante e saudoso exito.

Seja benvindo este patriotico criterio da Sociedade Nacional de Musica de Camara, que merecerá o aplauso de todos nós, pelo seu significado: a comovente homenagem prestada a extintos gloriosos vultos da arte nacional, que só por si, enobreceram e vincaram uma epoca, a par duma bela obra de difusão e educação musicais que, a bem do nome portugués, é mister, quanto antes, intensificar.

Estudantes pobres

A Escola de Pedro Nunes, sob a direcção competente do sr. dr. Adrião Castanheira, oferece-nos lugar para um estudante protegido pelo «Diario de Lisboa». O mesmo oferecimento nos faz a direcção do Colegio-Liceu de Lisboa.

Agradecemos e aceitamos.

Julio das Farturas

PARQUE MAYER

HOJE E AMANHÃ

grandioso filme da guerra

"VERDUN,,

Todas as noites concerto por uma grafonola electrica.

Entrada livre neste pavilhão.

Salão Jansen

Todas as noites

El Caballero Audaz e o dueto Gally-Brescia. Grande orquestra-JAZZ.

Entrada livre.

HOTEL DE FRANCE

Continua recebendo comensaes a 300$00; diarias a partir de 20$00, optimo tratamento. Telephone T. 1129.

DR. LELLO PORTELLA

Clinica medica — Pele e sifilis

Consultorio: Praça Luiz de Camões, 6

Telefones: N. 40 e T. 18

Retomou a clinica

JOSÉ RODRIGUES DE MATTOS

ADVOGADO

Rua do Carmo, n.º 43, 2.º, E. Telef. C. 2504

Pianos "ADOLF LEHMANN"

Bons em som e acabamento.

VANTAJOSOS EM PREÇO

Dep. Ex. Olavo Cruz, Ltd.ª

L. Trindade Coelho, 6—(Antigo S. Roque)

A MARINHA DE GUERRA

TODOS

OS PORTUGUESES

devem prestar gratidão

aos que morreram no mar

Claude Farrére e Paul Chack no seu sensacional livro, brilhantemente traduzido pelo comandante Oscar de Carvalho, apontam como causa primordial de a Alemanha ter perdido as suas colonias, o facto de não ter tido nelas uma Marinha para sua defeza, provando-o, até, com grande soma de argumentos. No final dos seus sensatos comentarios, acrescentam:

«Aviso aos incautos...»

Todo o português que ler a obra destes dois espiritos scintilantes e de largos recursos descritivos, ao passar pelas linhas referidas, não poderá deixar de sentir enfiar-se-nos a carapuça.

E muito mais ainda, se fôr pessoa que conheça alguma coisa de que se passa no mar, acompanhando o movimento da nossa Marinha de Guerra, quer pelos artigos e noticias jornalisticas, quer passeando a vista pelo quadro reservado á Marinha Militar.

De facto não pode ser mais confrangedor o estado de eficiencia militar que nos mostram as unidades navais que ora possuimos, e este sentimento de desanimo ainda se torna maior quando alguma esquadra estrangeira nos visita.

Então, ali tão perto uns dos outros, a sua facil comparação dá-nos mais nitida e perfeita a imagem da nossa depauperada força naval.

Ainda ha pouco tempo, uma pequena parcela da esquadra italiana que veiu ao Tejo, escondeu da nossa vista, com a maior facilidade, os minusculos e antiquados navios portugueses, cujo estado de fraqueza era tanto, que mal se ouviam as suas salvas de ordenança.

Por tudo isto já estavamos convencidos do pequeno valor militar dos nossos navios de guerra.

Porém, para justificar a nossa modesta e despretenciosa opinião, surge-nos o ilustre ministro da Marinha, oficial distinto e sabedor, que na entrevista concedida ao *Diario de Lisboa*, preconisa a necessidade de serem substituidos os navios que, mercê de um enorme esforço, ainda temos a navegar.

Nessa curta e diplomatica palestra, duma flagrante oportunidade, Sua Excelencia corrobora a sensata opinião do comandante Pereira da Silva, o grande propugnador de desenvolvimento do nosso poder naval.

A indiscutivel autoridade e o superior talento do sr. comandante Pereira da Silva, têm trazido a lume uma interessante série de artigos, mas julgamos dentre todos o ultimo ser melhor, não só por reforçar o prudente aviso de Farrére e Chack, como ainda pela inexcedivel clareza e pela precisão com que nos mostra o enfraquecimento da nossa Marinha de Guerra.

No artigo a que nos referimos, o incidente de «Coraçao» pormenorisadamente descrito e acompanhado de poderosos argumentos tecnicos, dá-nos a perfeita concepção do que tambem nos pode vir a suceder, em virtude da insuficiencia numerica e da inferioridade dos nossos actuais navios.

Meditemos um pouco, ponderemos por instantes no exemplo que o comandante Pereira da Silva nos aponta, juntemos-lhes as considerações esplendidas por Sua Ex.ª o Ministro, e vejamos se não acodem aos nossos labios estas preguntas:

Com efeito, como poderemos nós acudir em auxilio de qualquer dos valiosos pedaços do nosso patrimonio disseminados por todo o globo, e mesmo daqueles que estão aqui bem perto da nossa porta, se não temos navios que possam pugnar pelos nossos direitos?

Como poderemos apregoar a nossa soberania, quando não temos navios que só pela sua presença a poderiam garantir?

Triste situação é esta, que nos colôca na contingencia de assistirmos, amordaçados, ao esfarrapar da nossa carne, sem ao menos podermos gritar para aliviar tão terrivel dôr.

Urge, portanto, dar pronto remedio a mal tão enormemente grande e perigoso.

Porque afinal o que precisamos é relativamente bem pouco.

Necessitamos somente do elemento material: o navio.

Quanto ao elemento pessoal, esse temo-lo, e com orgulho o afirmamos, como o melhor do mundo.

Os nossos oficiais e marinheiros têm demonstrado em mil exemplos o seu valor, o seu heroismo, a sua competencia, e espirito de sacrificio, e quer no buliçoso e traiçoeiro mar, ou no escaldante e incerto mato africano, sempre souberam mostrar o seu ardor patriotico que nunca foi excedido por outro qualquer povo.

Injustos seremos se não dermos a estes valentes os elementos de que necessitam para cabalmente poderem cumprir a espinhosa missão da nobre carreira que escolheram.

Injustos seremos se não pugnarmos por esta sua ambição que para nós é um beneficio, porque assim saberemos assegurada a integridade do nosso patrimonio.

Consta-nos que os nosssos estadistas se têm ocupado largamente em estudar este magno assunto, (e Sua Ex.ª o Ministro na já citada entrevista o deixa transparecer), e cremos que breve lhe hão-de encontrar solução adequada.

Mas esta é a parte oficial, e os governos só poderão agir quando encontrem no Povo o ambiente propicio para pôr em pratica o plano d'antemão estudado.

Ora o Povo português foi sempre um grande admirador dos seus marinheiros (e bastas vezes o tem provado) e por certo não quererá que a sua Marinha continue na pobreza material em que hoje se encontra.

O que é necessario é falar-lhe a linguagem da verdade sobre a nossa defeza naval. Essa confissão, longe de ciente naval. Essa confissão, longe de constituir desonra para o nosso País, pois que é bem conhecido de todo o mundo, só nos enobrecerá, se nos esforçamos por modifica-lla.

E' necessario despertar esse nosso generoso povo, mostrando-lhe os inconvenientes e graves perigos de se não acudir prontamente á nossa Marinha de Guerra.

E' preciso propagandear a necessidade urgente em dotar o nosso arrojado e bom marinheiro, do navio que ele tanto ama e sem o qual a sua acção será absolutamente nula.

E para conseguir tudo isto, indispensavel é que nos unamos em torno dos que trabalham neste campo, e os coadjuvemos no que em nossas forças caiba, para que se intensifique a campanha iniciada ha tempo já, pelo energico batalhador que é o comanandante Pereira da Silva.

Trabalhemos afincadamente, façamos uma intensa propaganda para que todos os portugueses espalhados pelo globo se unam e levem á Marinha o seu precioso auxilio, e teremos assim prestado o maior preito de gratidão á memoria daqueles que na Marinha perderam a vida em holocausto á nossa querida Patria.

JOAQUIM MIL-HOMENS
(do C. N. L.

COLEGIO-LICEU DE LISBOA

AVENIDA ELIAS GARCIA, 100 a 110

Avenidas Novas — Telefone 4766 N.

DIRECÇÃO — Dr. Borja Santos, Dr. João de Freitas Fragoso Pereira (antigo director da Escola Academica)

Instrucção Primaria — Curso dos Liceus — Curso Comercial — Curso de explicações individuais e em classe — Ensino domestico — Gimnastica — Dansa — Esgrima — Piano — Lavores — PARA AMBOS OS SEXOS

As aulas abriram a 7 de Outubro, continuando aberta a inscrição da matricula para cursos diurnos e nocturnos — O corpo docente é todo diplomado

Mundanismo

Fazem amanhã anos as sr.as

Condessa da Louzã, D. Maria Quiteria de Macedo e Meneses de Melo, D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Maria da Graça de Oliveira Monteiro de Barros Gomes, D. Maria da Conceição Cyrne de Bourbon Tavares e Tavora, D. Juvenalia Ferraz Bravo Ludovice, D. Paulina Ferreira Schindler, D. Maria Edewiges de Almeida Correia Leal, D. Maria Francisca Pais de Sande e Castro e D. Sara Adelaide de Mendonça Pereira Alves.

E os srs.

D. Pedro Paulo da Camara Leme, general Aires Pinheiro de Mascarenhas Valdez Gabriel Ramires dos Reis e Eduardo de Almeida Correia Leal.

Diplomatas

No seu automovel regressou de Madrid, com sua esposa, o sr. dr. Olinto de Oliveira, ilustre secretario da Embaixada do Brasil, em Portugal.

Casamentos

No Rio de Janeiro, deve realiza-se, brevemente, o casamento da sr.ª D. Ivone Macedo de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Leopoldina Macedo de Carvalho e do sr. Cipriano Nunes de Carvalho, com o sr. Rafael Santorum Junior, filho da sr.ª D. Elvira Trindade Santorum e do sr. Rafael Santorum, que já se encontra nessa cidade.

—Pelo major da Administração Militar sr. Carlos Gomes Teixeira, foi pedida em casamento, para seu filho, o engenheiro Antonio Pimenta Gomes, a sr.ª D. Fernanda Marques Fernandes, filha do sr. Americo Fernandes e da sr.ª D. Maria Marques Fernandes. O enlace realizar-se-ha brevemente.

Pontos de reunião

No São Luis Cine

Como previramos a noite de ontem no «São Luis Cine» marcou não só pela selecta assistencia, como tambem pelo magnifico filme «A Mulher Misteriosa» extraordinario trabalho da notavel artista Greta Garbo. Em um dos intervalos recorda-nos ter visto as sr.as:

D. Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Teles, D. Margrida de Oliveira Aguiar, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Adelina Gomes Pressler, D. Angela de Castro e Fontes, D. Adelaide Lima Cruz e filhas, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Ferreira de Almeida, D. Delfina Galeão Roma, madame Jayme Raul do Nascimento e filha, D. Marta Ayres de Magalhães de Carvalho, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, madame Carvalho e filha, D. Afonsine Monteiro Pinto, D. Luisa de Sá Pais do Amaral Macieira, madame Pinheiro Chagas, D. Maria Diogo da Silva Cancela de Abreu, D. Alda Barroso, madame Eduardo Rosa, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Helena de Morais Cardoso de Meneses, D. Mria Teresa Rebelo Navarro, D. Alice Costa Botelho de Andrade, D. Maria Rosa Barroso Cid, D. Maria Maxima de Melo Arriaga Tavares, D. Alice Damasio Sena, D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, D Maria Luis Meyreles, madame Garcia Peres e filha, D Margarida de Oliveira, D. Rosina, D. Suzete e D. Maria Barroso de Morais, etc., etc.

Na Costa do Sol

No Casino Internacional

Esta noite no salão de festas do Casino Internacional, exibir-se-ha no «ecran» uma das melhores produções da cinematografia moderna de exito garantido, sendo por isso de prever que a noite de hoje no salão de festas do Casino Internacional da Costa do Sol, seja revestida de grande brilhantismo. Depois da sessão de cinema, haverá baile, que será abrilhantado pela orquestra «jazz-band» sob a direcção do violinista Vieira Pinto

Em viagem

Regressou de Cascais, a sr.ª Duquesa de Palmela.

—A Lisboa, regressaram de Cascais, os srs. Condes de Valbom.

—Partiram para Sevilha, donde seguirão em viagem de recreio pela Andaluzia, os srs. Antonio Alves de Andrade e João Maria Valente.

Doentes

Na Casa de Saude da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, foram operados, a sr.ª D. Julia Adelaide de Sousa Pacheco, pelo distinto clinico sr. dr. Anastacio Gonçalves e o sr. dr. Francisco Paulo Menano, pelo ilustre professor sr. dr. Francisco Gentil, sendo o estado dos enfermos muito satisfatorio.

—Na mesma Casa de Saude, encontra-se em via de restabelecimento a sr.ª D. Mria Aysberg, irmã da sr.ª D. Alice Aisberg de Mendonça, esposa do nosso querdo amigo sr. Antonio dos Santos Mendonça.

Grande Restaurante Carnide

Os mais modernos e confortaveis gabinetes

ABERTO TODA A NOITE

Grande Hotel d'Italia Mont'Estoril

ESTORIL Hotel do Parque

PAGINA AMENA

MAGAZINE

Cronica de abertura

Todas as grandes cidades têm hoje as suas piscinas. Lisboa, infelizmente, não tem. Finda a época balnear, em Paris, em Londres ou em Berlim, amadores e profissionais da agua não renunciam ao prazer da natação.

E' necessario disputar, em pleno inverno, um desafio de water-polo? *Os jogadores têm a piscina do seu clube para se treinar. A natação é tomada como um simples divertimento ou um magnifico pretexto de educação fisica que a gente moça não dispensa? Ha o baile-piscina, ha o restaurant-piscina.*

Mas não ha apenas o desporte, ha tambem a higiene. Se vivesse hoje, Danton diria que o banho é tão necessario ao homem como o pão.

Ora em Lisboa não ha estabelecimentos balneares, não ha piscinas. Entre nós, desgraçadamente, existe ainda uma incompreensivel relutancia pela agua. Dentre milhares de pessoas que frequentam as praias é reduzidissima a percentagem daquelas que tomam banho.

A França votou no seu orçamento para 1929 cem milhões de francos para prosseguir e desenvolver a sua «politica da agua». Paris está cheia de piscinas, publicas e particulares. Algumas são sumptuosas: evocam em estilo «artes decorativas» a elegancia, a frescura e o confôrto das famosas Termas romanas. A' noite, depois dum dia agitado de trabalho ou de prazer, despe-se o smoking, *dança-se, toma-se banho.*

Entre nós, infelizmente, as coisas passam-se de modo diverso. Pois se em Lisboa não ha agua para bebêr, quanto mais para tomar banho ou para alimentar piscinas publicas!

NORBERTO LOPES

Um soneto

A «Revista Internacional» iniciou a publicação dum florilegio de sonetos ineditos das linguas latinas e suas afins, com a qual está realizando uma obra util de aproximação das grandes literaturas latinas. Pedimos licença para transcrever este precioso soneto de Martins Fontes, o grande poeta brasileiro, amigo e discipulo de Olavo Bilac. Intitula-se «Brasil» e abre com esta citação de Vitor Hugo:

«Gloire á ce vert Brésil, aux arbres semés d'or!»

Virgem-Mãe, Verde Patria, o meu culto te quer
Physicamente, como um barbaro encantado!
Com a febre tropical, com o desejo acendrado,
Com o fervor de quem beija a uma linda mulher!

Na transubstanciação que entre nós dois houver,
Quando, ao fogo do sol, se celebre o noivado,
Dar-te-ei, o vinho e o pão do meu corpo incendiado,
Tudo quanto o meu sangue, a ebulluir, contiver!

E, então, sere! tu mesma, inflammavel amante!
Integrado em teu ser, meu coração estuante
Queimarás, possuirás, tu, meu amor, tu só!

Brasil, vulcão verdeal, forja em flor, fervedouro!
Em ti me cremarei, transmudando-me em ouro,
Ouro verde, a fulgir, porque é verde o ouro em pó!

Do livro inedito: *O Céu Verde*

MARTINS FONTES

(Da Academia Brasileira de Letras)

Uma estreia

José Pereira de Lima publicou o seu primeiro romance—*Sobre um vulcão*. Vem prefaciado pela sr.ª D. Maria O'Neill, que acêrca do autor nos diz «é muito jovem ainda, mas, embora não reveladas ao grande publico, tem todas as qualidades que distinguem o poeta, o escritor, o orador e o polemista.»

Claro que com todas essas qualidades não pode deixar de ir ao longe, como a sr.ª D. Maria O'Neill profetisa, e nós sinceramente desejamos.

A MOCIDADE de Fernandes Tomaz

Rocha Martins, o infatigavel escritor a quem a nossa Historia deve alguma das suas paginas mais notaveis, continúa a publicar regularmente as suas «Legendas de Portugal», que constituem um valioso repositorio de factos historicos, cuja leitura aconselhamos a todos os portugueses.

Do ultimo fasciculo publicado, recortamos hoje alguns periodos que nos ajudam a reconstituir o perfil moral do famoso caudilho que se chamou Manuel Fernandes Tomás.

Figueirense, nado nas vizinhanças do mar, era um fenicio sonhador. Romantico e bravo, em culto á honestidade e ao caracter, revelava bem a ancestralidade dos mareantes cuja vida, á força de perigar, passa a oferecer-se em holocausto á lealdade, á honra, ao brio.

A gente da beira de agua portuguesa é a mais nobre, a mais audaz, a mais franca. Não trai, não recua, não cala. As agua sensinam-lhe a sua braveza e a sua suavidade; a sua voz é a primeira lição que as crianças ribeirinhas escutam e, como ela, ora retumba, ora palra; tais cambiantes movem as almas para os perigos e para a poesia.

A proximidade do Oceano é um berço de rigores e de valentias. Os salpicos das ondas baptizam de heroismo. Os penhascos das costas são modêlos de rigidez; os poentes ali são mais belos, bem como as auroras, as tempestades e as calmarias mutuam-se em outras tantas decorações para os espiritos que se desenvolvem nesse ambiente de singularidades e de belezas.

Ha o luto das algas e a esbelteza das gaivotas nas beiras das ondas que, á força de rugirem e de murmurarem, geram impetuosos e visionarios nos que nas suas orlas se criam.

O filho da Figueira da Foz, saído de Coimbra como um pensador romantico, guardava consigo esta linha dos ancestros. Integro, audaz, sabedor, aliava ao estudo a dignidade.

Numa época de privilegios, de autocracias, num tempo em que os nobres tinham o comando dos regimentos, quando ainda pendiam dos seios das escravas, ele encarava, altivamente, os preconceitos sonhando no que andava, lá por longe, num reboar de lutas alucinantes.

A barreira formidavel dos Pirineus esbatia muito os rugidos das vozes da Assembleia Nacional. Os sons da «Marselhesa» pareciam divinos acordes. Consubstanciavam, para quem vivia a distancia, apenas o heroismo. As guilhotinas, ao erguerem-se para a colossal matança, geravam frémitos idealistas.

Quando rolaram nos cadafalsos as cabeças de Luís XVI e de Maria Antonieta, de centenas de fidalgos e de padres, o madeiro vermelho ficou com o seu cutelo erguido sôbre a meia lua do suplicio, como de bocarra aberta para mais macabros alimentos.

Iam dar-lhos; e feitos da propria carne dos condenadores.

Quasi todos lá subiram, um por um: Egalité, Danton, Robespierre. Escapara Marat. Sem o punhal de Carlota Corday, o folicular terrivel não fugiria ao destino dos seus émulos.

Quando esta maré sinistra de sangue e de horrores chegou, num preamar hediondo, a Portugal, um vento de coleras passara afastando dos espiritos as veleidades da imitação.

Redobraram os esforços de Pina Manique para deter a propaganda anti-absolutista. As ideias, porém, são como a luz. Por mais que as ocultem brilham sempre. Metam-nas numa catacumba, sob a terra? Espargem-se, iluminam. Eis o cristianismo. Fecham-se nas masmorras, apertam-se nos torniquetes, nos potros, nas fortalezas? Resplandecem. Eis a revolução francesa. Por sua vez, quando os pensamentos generosos se excedem, ao pretenderem manter os terrores, surge o descalabro. Da inquisição veio a descrença; da revolução francesa brotou o imperio. A guilhotina decepara muitas cabeças, mas tambem imensas ilusões.

Em 1795, Manuel Fernandes Tomás, que não pudera olvidar os pontos generosos e dignos das doutrinas de sua paixão de estudante, entreviu o caminho que ia tomando esse regime de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Não renegava os principios mas devia detestar os meios de que eles se serviam. Era um homem, fraco e nobre; em sua natureza arrebatada palpitava sempre a febre da Ideia. Falava alto, guardando a atitude dum convencional, mas não seria capaz de lavrar uma condenação á morte. A sua oratoria floreada e evocadora vibrava, já então, em ensaios para mais altos reptos, no municipio da Figueira da Foz, de cuja edilidade o pensador fazia parte.

Era o primeiro pedestal para o vôo.

Amava a sua terra; era um cantinho da patria a que, afervoradamente, dava seus pensamentos.

Deixara Lisboa, onde praticara na advocacia. Recolhera-se á vila, onde seus talentos mereceram as dignas e devidas distinções.

Nomeado sindico e procurador fiscal da Camara, três anos depois tinha uma cadeira de edil.

Não era homem de se dobrar nem de se desdizer. Guardava uma grande altivez. Em lugar de vaidade era o orgulho que o enchia. Não se reclamava porque lhe sobravam talentos e só os apoucados se exibem.

Urbano e de lhaneza no trato, de simplicidade para com os humildes, apresentava altivas atitudes ante os grandes, sem temores nem receios dos riscos. Servia-se de modêlos muito seus queridos: os romanos que a revolução francesa puzera em moda.

Por mais que fizesse, não podia separar-se deles. Marulhavam-lhe tanto na alma com as vagas na praia da sua querida Figueira.

Desta forma agia e mantinha com tanto brilho as suas prerrogativas e não dobrava o seu caracter ás exigencias alheias, mesmo ás provindas de alto.

O problema da nacionalidade

A Comissão Inter-Americana de Mulheres está em vesperas de publicar um livro admiravelmente documentado sobre a nacionalidade em relação á mulher. Este estudo efectuado sob a direcção de Miss Alice Paul, *leader* feminista norte-americana e colaboradora da Comissão Inter-Americana de Mulheres, contem resumos das leis de todos os países sobre a penosa questão da nacionaldade, que suscita actualmente tantas discussões. Inclue tambem extractos dessas leis, em inglês e na lingua original, inserindo copiosas notas sobre os costumes e usos dos povos que não dispõem de uma verdadeira lei de nacionalidade, como, por exemplo, Andorra, Luan-Prabang (Laos), Aden, Kabylia, etc. A obra traz um prefacio devido á pena do dr. James Brown Scott, presidente do «Institut de Droit International», e será empregada na Conferencia da Haya, em 1930, como base de discussões sobre o direito da mulher a conservar a sua nacionalidade após o matrimonio.

A Republica de Cuba foi já ao encontro dessa aspiração feminista, promulgando um aditamento ao Codigo Civil em que permite a uma cubana casada com um estrangeiro que conserve a sua nacionalidade de origem. Cuba é o oitavo país americano que adopta este principio legislativo.

A transfusão do sangue

Em Nova York realizam-se anualmente mais de dez mil operações de transfusão de sangue. E o mais interessante é que este recurso cirurgico deu origem a uma nova invenção—a industria dos doadores de sangue, que se encontram organizados e controlados pela repartição de Higiene, tal qual como os vendedores de leite ou os fornecedores de queijo flamengo.

Cada donador profissional possue um livrete, onde se inscrevem, ao lado da fotografia deste novo industrial, todas as especificações do seu sangue e a sua adaptabilidade aos varios organismos que necessitam de transfusão.

Ha tambem os amadores, isto é, os benemeritos, que oferecem o seu sangue de graça. Mas como o negocio se vai tornando cada vez mais rendoso, é natural que a nova industria tenda para a sindicalisação, com os seus consequentes contratempos: a greve, o *lockout*, a *boycottage*...

E ninguem se admire, se amanhã o telegrafo anunciar que se declararam em greve os donadores de sangue de Nova York, por se recusarem a pagar-lhes nos hospitais um dollar a mais em cada decilitro.

Anecdota erudita

Luís XIV visitava uma biblioteca. O bibliotecario ia respondendo como sabia ás preguntas do rei. Luís XIV, porem, interrrogava-o sobre os temas mais diversos e mais disparatados da erudição.

—Em que livro me dirão a idade em que devo morrer

—Não tenho noticia de nenhum, sire, que lhe possa dar essa informação.

—Quantos volumes ha no mundo?

—Ignoro-o tambem, senhor.

—Então porque é que lhe pagam?

—Pagam-me pelo que sei, porque se me pagassem pelo que ignoro não chegaria todo o dinheiro do mundo para abonar o meu soldo.

Os patos e a natação

Todos os animais sabem nadar, sem que ninguem lhes tenha ensinado. Os patos então pode dizer-se que já saem do ovo a nadar, como se tivessem feito uma aprendizagem dentro da casca.

Ora a verdade é que quasi todos os animais nadam por instinto e os patos por imitação. Ha tambem patos que nadam em dinheiro, e esses são os mais apreciados de tal espécie zoologica.

AS COLONIAS

A questão da aguardente

da provincia de S. Tomé

vai ser resolvida

antes do fim do ano

O problema do fabrico e venda de aguardente em S. Tomé volta novamente a preocupar o Govêrno, a agricultura e o comercio da colonia.

O diploma legislativo n.º 51, de 31 de Dezembro de 1924, concedeu aos agricultores um praso de 5 anos para eles substituirem a cultura de cana sacarina por outras, cumprindo-se assim as disposições contidas no Tratado de S. Germain.

Mas esse praso termina no fim do ano decorrente, isto é, daqui a dois meses e meio e ninguem ainda sabe qual o regime que se vai seguir, devido a tudo continuar hoje no mesmo pé em que se encontrava ha 5 anos:

Os agricultores não reduziram as areas plantadas de cana, o Estado não conseguiu substituir por outras as receitas provenientes da aguardente, e os indigenas... não mudaram nem o gôsto nem os habitos.

Como vai o Govêrno da colonia resolver o problema?

Terminar definitivamente com o fabrico e venda da aguardente?

Prorrogar o praso estabelecido pelo diploma n.º 51?

Decretar um novo regime para as plantações de cana?

Não deixa de ser interessante analizar as três hipoteses estabelecidas.

O fabrico e venda legal da aguardente não podem terminar nem ha conveniencia alguma em fazer terminar.

Não podem terminar porque as receitas que o Estado cobra da venda desse produto são demasiado grandes e pesam sobremancira no orçamento da colonia, para que possam ser dispensadas.

Vejamos:

A receita proveniente da aguardente anda á volta de 600 contos anuais, tendo diminuido este ano para cêrca de 350 contos por razões acidentais. E as receitas totais da colonia, nos ultimos três anos economicos, foi a seguinte:

Em 1926-927, 11.151 contos.
Em 1927-928, 10.922 contos.
Em 1928-929, 11.984 contos.

Ora uma verba de 600 contos num orçamento de 11 mil contos é, só por si, uma verba muito importante, que não pode nem deve ser eliminada sem primeiro se vêr muito bem o que se faz. Mas ha outras razões que aconselham a sua manutenção a todo o custo, como vamos vêr:

O orçamento está equilibrado, e tão bem equilibrado que no decorrente ano economico poderam ser aplicados 960 contos em despezas extraordinarias e no ano economico transacto existiam 2.400 contos em caixa, disponiveis.

Parece, á primeira vista, que estando as contas publicas na situação desafogada que os numeros citados indicam, facil seria dispensar os 600 contos da tributação da aguardente. Mas não é assim.

* * *

O orçamento da colonia depende essencialmente da produção do cacau, produção que a pratica tem demonstrado ser muito contingente, como se demonstra com a nota das importancias da exportação nos anos de 1923 até 1927, que temos á mão e vamos mencionar:

Em 1923, 38.151.715$00.
Em 1924, 70.316.419$00.
Em 1925, 68.513.874$00.
Em 1926, 51.541.305$00.
Em 1927, 94.487.468$00.

No ano de 1923 produziu S. Tomé pouco mais de metade do que produziu no ano seguinte, e em 1926 tambem pouco mais de metade do que em 1927.

Como pode um orçamento oferecer garantias de equilibrio tendo por fonte de receitas uma tributação tão varia como a do cacau? De maneira nenhuma. E se atendermos a que em S. Tomé está tudo por fazer e a que o dinheiro disponivel era no ano passado apenas de 2.400 contos, mais flagrante ainda se nos mostra a impossibilidade dum equilibrio seguro.

Não *pode*, portanto, o Estado dispensar a verba proveniente do imposto da aguardente.

Mas *deve* dispensar?

Os humanistas dizem que sim e firmam a sua doutrina nas disposições do tratado de S. Germain e na conveniencia de acabar com o uso que os indigenas fazem da aguardente.

Tambem é bom apreciar estas razões, para completa elucidação do problema.

O tratado de S. Germain fixa doutrina, mas não impõe obrigações para S. Tomé, como não as impõe para outras colonias, nenhuma determinação internacional existindo, pois, que nos obrigue a acabar com o fabrico e venda de aquela bebida alcoolica.

Quanto á conveniencia humanitaria da extinção do uso da aguardente é bom não esquecer que os indigenas sabem distilar alcool e o distilam de todas as coisas que o podem dar, e que a ilha de S. Tomé se presta ás mil maravilhas para toda a especie de contrabandos. Nestas condições é muito preferivel que o indigena beba boa aguardente em vez de outras bebidas muito mais prejudiciais para a saude, e que o Estado regulamente essa industria e esse comercio, que nunca poderá evitar, e tire dele todos os beneficios que pode tirar.

Terminar com o fabrico e venda da aguardente em S. Tomé é, pois, uma medida que não *pode* ser aplicada nem *deve* ser aplicada, por nenhumas vantagens ela oferecer a ninguem.

* * *

Deve-se então prorrogar o praso estabelecido pelo diploma 51?

A prorrogação desse praso não é conveniente para ninguem. Com ele nada lucram os agricultores, nem os comerciantes, nem o Estado, visto que ela nada mais seria do que a continuação duma situação provisoria e que ao Estado tem dado alguns prejuizos, como vamos vêr:

O referido diploma 51 isentou os agricultores de cana da contribuição rustica, e criou para a compensar o imposto de consumo de aguardente.

Pensou-se que aliviar o agricultor e carregar no comerciante seria a mesma coisa para o Estado e para o comerciante. Para o Estado porque receber do agricultor ou do comerciante era receber o mesmo; para o comerciante porque passava a comprar mais barato e a vender mais caro, o que nalguns casos ainda lhe podia ser conveniente.

Mas não se pensou que podia muito bem surgir, por motivos imprevistos, como sucedeu, uma crise no consumo, e que essa crise poderia prejudicar muito as finanças da colonia. Precisando melhor o que dizemos: a contribuição rustica, que dava para o Estado rendimentos certos foi substituida pelo imposto de consumo, que tambem se supôs poder dar o mesmo rendimento certo, mas que o não deu, devido a ter a Guiné importado grandes quantidades de melaço para destilação, o que prejudicou a exportação da aguardente de S. Tomé, que teve assim de ficar armazenada e não deu para o Estado o rendimento que era costume dar. De 600 contos que o imposto de consumo costumava render, apenas cêrca de 350 contos se arrecadaram no ultimo ano económico.

Prova-se assim que a prorrogação estabelecida no diploma 51 prejudicou o Estado, e que é absolutamente necessario evitar que de futuro o imposto da aguardente seja, como actualmente, de rendimento incerto.

O imposto por hectar, que vigorou até 1924, deve, pois, ser estabelecido quanto antes, ainda que isso pese a varias pessoas.

Poderão agora os inimigos desse imposto alegar que com o seu restabelecimento nem o mercado da Guiné se abre para importação do excedente da produção aguardenteira de S. Tomé, nem os milhares de litros de aguardente armazenada desaparecem dos armazens.

Assim é, com efeito.

Mas o que ninguem poderá contestar é que o imposto por hectar é de rendimento certo e conhecido antecipadamente, o que dá ao Govêrno da colonia grandes vantagens: a vantagem dele poder elaborar o seu orçamento com absoluta segurança e contar com mais uma receita regular.

Esse imposto tem ainda a justificá-lo uma outra vantagem não menos importante, que é a de limitar imediatamente a produção ás necessidades regulares do consumo, evitando-se assim, quasi que sem nenhum esfôrço, que a crise do consumo de aguardente se agrave mais com a super-produção e que os indigenas possam aproveitar-se dum forçado embaratecimento daquele produto para darem largas á beberriquice.

* * *

Não devendo o Estado acabar de vez com o fabrico e venda da aguardente, nem tampouco prorrogar o praso do diploma 51, está naturalmente indicado que seja a terceira hipotese que apontamos aquela que deverá ser escolhida: o novo regime para as plantações de cana.

Ora em que condições deverá ser estabelecido esse novo regime?

Pensando bem no assunto e atendendo a todas as circunstancias o novo regime deve assentar em três bases essenciais:

Primeira: — Garantir para o Estado um rendimento certo e o mais elevado possivel;

Segunda: — Restringir ao minimo o consumo e a venda da aguardente;

Terceira: — Limitar a produção da cana sacarina apenas ás roças que não podem produzir outra coisa nem viver sem ela.

O rendimento certo e a restrição das duas primeiras bases conseguem-se, como acima se diz, com a substituição do imposto de consumo. E a limitação da produção da cana, nas condições expostas, não pode de maneira nenhuma ser considerada como um monopolio forçado, visto que havendo quatro roças que só podem produzir cana está naturalmente garantida a concorrencia de preço e de qualidade, preço e qualidade que tambem podem ser regulamentados por quem de direito.

Se o novo regime da aguardente fôr decretado nas condições que defendemos consegue o Estado três objectivos qual deles o mais importante para a colonia:

1.º — Diminuir a produção e o consumo da aguardente, concorrendo assim, embora sem nenhuma obrigação de o fazer, para completa eficacia do humanitario tratado de S. Germain.

2.º — Dotar o orçamento da colonia com mais uma verba regular, que nos anos maus pode amenizar os *deficits*, nos anos bons constituir uma importante reserva, e de futuro servir de base para uma campanha sanitaria entre os nativos, que já ha muito se devia ter feito. Como se sabe, a mortalidade dos nativos deve as suas maiores percentagens não á aguardente mas ás doenças intestinais e á falta de assistencia medica e de recursos para a aquisição de medicamentos para essas e outras doenças. Se ámanhã a colonia poder dispensar as receitas da aguardente e as aplicar na campanha sanitaria referida ninguem deixará de reconhecer que os beneficios colhidos com a indicada aplicação dessas receitas serão muito maiores que os prejuizos provenientes do uso regular daquela bebida.

3.º — Resolver definitivamente e em bôas condições para todos os interesses legitimos e defensaveis o problema da aguardente.

* * *

Olhando o problema da aguardente em S. Tomé com desassombro não podemos deixar de o fixar nas condições expostas e de pedir para ele a solução acima indicada.

Bem sabemos que algumas entidades apresentarão ao sr. governador de S. Tomé outras soluções e outros alvitres. Mas temos como certo que a rectidão e a coragem do sr. governador não se deixarão encantar pelos cantos das sereias e que o importante problema da aguardente vai ser encarado a sério e resolvido definitivamente, para bem de todos.

AS ESTRADAS DE ESPANHA

Os automobilistas andaluzes

preparam em Março do ano proximo

uma grande excursão

a Portugal

Conforme noticiámos já, regressou ha dias duma viagem por Espanha e França o sr. engenheiro Carlos Santos, vice-presidente do Automovel Club de Portugal e membro da Junta Autonoma de Estradas. O sr. Carlos Santos visitou, demoradamente, as exposições de Barcelona e Sevilha, tendo nesta ultima representado oficialmente o A. C. P., durante a Semana Portuguesa.

Já o *Diario de Lisboa* se fez éco da maneira como o muito ilustre dirigente do nosso Automovel Club aproveitou a sua estada na capital andaluza para uma interessantissima obra de aproximação turistica entre os dois paises irmãos. Achamos, contudo, dever ampliar a nossa primitiva informação, indo ouvir directamente o sr. Carlos Santos. Recebendo-nos cordealmente num gabinete do seu escritorio da rua do Crucifixo, o nosso entrevistado começou por declarar-nos:

— «A minha ideia basilar foi a de procurar estabelecer uma mais funda intimidade entre os automobilistas portugueses e espanhois. Ora a região andaluza é das regiões fronteiriças a que possui maior percentagem de automobilistas. O seu Automovel Club regional conta com cêrca de 3.000 associados. E, por Badajoz, a ligação com Portugal é das mais faceis.

— A realização da sua ideia...

— Para esse fim procurei em Sevilha o sr. D. José Maria Pinar e Pickmann, um *gentleman* que é o director-secretario e a alma do Real Automovil Club de Andalucia — e a quem lembrei a conveniencia e as vantagens duais duma excursão a Portugal.

— Para quando?

— D. José Pickmann que se me revelou como um grande amigo nosso, recebeu de braços abertos a ideia e ficou de falar com o presidente do club, o sr. marquês de Monteflorido, a fim de vêr se seria possivel organizar a excursão em Março.

— O que pensa sôbre o assunto a direcção do Automovel Club de Portugal?

— A ideia da direcção do A. C. P. seria tornar sua hospeda a direcção do A. C. da Andaluzia e instalar no centro do país — Curia, Buçaco, Coimbra — onde já temos esplendidos hoteis, uma parte, se não todos os excursionistas. Isto, com a consequente série de festas e excursões a tantos pontos lindos de Portugal e que os automobilistas andaluzes parecem empenhados em conhecer.

— Os poderes publicos...

— Creio não ser indiscreto revelando que, entusiasmado com a recepção que tive no A. C. de Andaluzia e por vêr em marcha a minha iniciativa duma aproximação desta natureza, tive a felicidade de, na noite do concêrto sinfonico pela orquestra portuguesa, regida por Freitas Branco, e realizado no teatro da Exposição, apresentar D. José Pickmann a S. Ex.ª o actual ministro do Comercio. E o sr. dr. Antunes Guimarães que, como automobilista distinto que é, recebeu D. José Pickmann com fidalga gentileza — prometeu, em nome do Govêrno, todas as facilidades.

De resto, tambem o nosso embaixador em Madrid sr. Melo Barreto achou interessantissima a ideia, conversando largamente com o sr. Pickmann.

— E' claro que a iniciativa envolve a ideia de intercambio...?

— Naturalmente! Ficou mesmo assente, em principio, que, após a embaixada de automobilistas andaluzes a Portugal, reciprocamente o A. C. de Andaluzia convidará os automobilistas filiados no A. C. P. a visitar aquela região, por ocasião das tradicionais festas da Semana Santa em Sevilha.

* * *

Desviando um pouco o rumo da entrevista e lembrando a Carlos Santos a sua qualidade de membro da Junta Autonoma de Estradas, conseguimos que S. Ex.ª nos dissesse:

— A rêde de estradas andaluzas é magnifica e permite visitar com facilidade cidades autenticamente espanholas como Sevilha, Cordoba, Granada, Malaga, Cadiz, etc.

As estradas centrais chamadas de grande turismo, como Madrid a Burgos, Vitoria, S. Sebastian; Madrid a Valladolid, Leon, Orense; Madrid, Zaragoza, Lerida, Barcelona, etc., são excepcionalmente largas e bem construidas.

As estradas marginais como as que para meu estudo percorri, Coruna, Oviedo, Santander, Bilbao, no Norte ou Tarragona, Castellon, Alicante, Granada, Malaga, no Sul, não nos causam inveja. Temos hoje tão bom ou melhor. São estradas estreitas, de curvas dificeis, e em estado de conservação um pouco precario. Foi com verdadeiro orgulho que lembrei que, como delegado do nosso A. C. P., sou membro do prestantissimo organismo que se chama a Junta Autonoma de Estradas.

Porque estou convencido de que, dentro de pouco tempo, poderemos comparar a nossa rêde de estradas com a espanhola. E devo frisar que a Espanha tem sôbre nós a vantagem dum territorio de grandes planicies onde se puderam construir estradas largas, com rectas a perder de vista. Além disso está rica e pode preocupar-se com o turismo.

— E quais são as manifestações mais evidentes dessa preocupação turistica?

— Uma das que mais me impressionou foi a da realização dos chamados *circuitos de turismo* com estradas de pavimentos especiais. Esses circuitos que abrangem uma totalidade de 7.000 quilometros, põem em facil comunicação os principais centros de turismo espanhois. Para se fazer uma ideia do esfôrço que o país visinho realiza nessa materia, bastará dizer que no seu ultimo orçamento consagrava á execução dos *circuitos de turismo* 600 milhões de pesetas (um milhão e oitocentos mil contos). E para acabar estradas principiadas: — 200 milhões de pesetas (seiscentos mil contos).

E omitirei pormenores sôbre o desenvolvimento da sua rêde ferroviaria, sôbre a abundancia de material de viação de que dispõe, e sôbre as suas modernas linhas de navegação.

* * *

A entrevista toma, de novo, outro rumo. Queriamos algumas impressões sôbre os certames de Sevilha e Barcelona mas o sr. engenheiro Carlos Santos escusa-se o mais possivel:

— Está tudo dito sôbre as Exposições. A minha opinião pessoal não trás nada de novo ao assunto. De resto, elas são fundamentalmente diferentes.

Caracteristicas da Exposição de Barcelona: — grandiosidade, modernismo, industrialização. O *pueblo espanol* é uma mancha á parte. E, de noite, a *feerie* atinge os cumes do deslumbramento.

No certame de Sevilha ha, talvez, mais sobriedade, mais tradição, mais arte antiga...

Uma das coisas que mais me impressionou nos pavilhões de Sevilha foi o distico que encima o pórtico do pavilhão do Mexico e que resa assim:

«*Madre Espana: pòrque en mis campos encendistes el sol de tu cultura y en mi alma la lampara devocional de tu espiritu, ahora mis campos y mi corazon han florecido. Mexico*».

Isto tem galhardia, mas é, ao mesmo tempo, comovedor.

— E o resultado financeiro das Exposições?

— Como muito bem disse ha dias Acurcio Pereira, no *Seculo*, Sevilha está ameaçada na sua puresa pela nefasta invasão dum cosmopolitismo mal compreendido e que pode levar de vencida a *alma gitana* — orgulho e perfume da Andaluzia.

Além disso, varias razões, segundo um espanhol inteligente, fizeram perder á Espanha o resultado almejado das Exposições. Primeiro o êrro fundamental de realizar duas exposições, resultando uma inconveniente dispersão de mostruarios com o natural enfraquecimento da actividade dos expositores assim desdobrada.

Segundo: — a abertura da Exposição numa época quente. Ainda em fins de Setembro fazia em Sevilha um calor enorme e incomodo.

Em terceiro lugar, a propaganda dos inimigos internos e externos da Espanha e, entre eles, os países que viam ameaçadas as suas industrias hoteleira e turistica.

Em quarto lugar uma autorização extemporanea e precipitada de aumento de 50 a 100 por cento em todos os artigos do comercio da região. Esta autorização convenientemente explorada pelos detractores da Exposição conseguiu realmente, e dado o alto valor da moeda espanhola, amedrontar muitos possiveis visitantes.

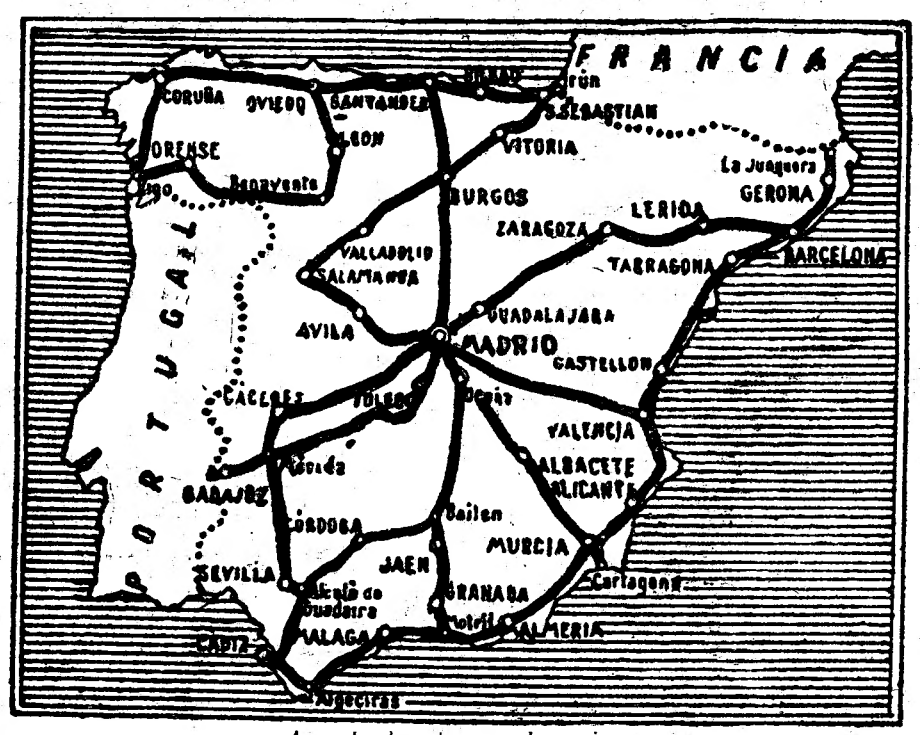
Contudo eu ousarei terminar as minhas considerações, repetindo as palavras do «Comité» da Exposição no fecho do programa do seu trabalho:

«*Sevilla espera que la solicitud y los esfuerzos que dedica a realizar la obra más importante de su vida presente, serán colmados con el éxito más halagador y más definitivo*».

Oxalá assim suceda!

ENGENHEIRO CARLOS SANTOS

Vice-Presidente do Automovel Club de Portugal



As estradas de graude urismo

A Companhia Lucilia-Erico
Apresenta a grande peça
«A Raça de Azaral»
na sexta-feira, 18, no
GINASIO

A Cidade

A LISBON PRESSING
Limpesa de fatos e vestidos e toda a qualidade de roupas. Tambem se encarrega de tinturaria
Largo Trindade Coelho, 22 e 23 (vulgo S. Roque)
Tel. T. 3616

Chá das cinco

Notas de Sevilha

A alguns quilómetros de Sevilha, avistámos ao longe, destacando-se entre milhões de lampadas, três tôrres iluminadas — que pareciam tôrres de oiro: a Giralda e os dois torreões da praça de Espanha.

Quando as vimos ao pé, nessa mesma noite, verificámos que todo aquele efeito maravilhoso, era produzido por uma série de lampadas ocultas entre as pedras e os tijolos das três torres. E concluimos, mais uma vez, que «nem tudo que luz é oiro».

* * *

Mariani é um tipo inconfundivel no jornalismo de Sevilha. Tem uma graça e uma vivacidade que resistem ás noitadas, ás «juergas», ás verdadeiras loucuras do seu viver.

E, ainda que a sua probidade profissional seja indiscutivel, na ancia de dar a noticia, deixa-se ás vezes cair em certas faltas sôbre as quais passa, como gato por sôbre brazas.

Na reportagem da «Semana de Portugal», escreveu Mariani:

«Harán conferencias los senores Agostinho de Campos, Afonso Lopes Vieira, Joaquim Bensaude y la distinguida senorita Inês de Castro»...

* * *

Quando assomo á janela que dá para o saguão do meu hotel construido em Sevilha, á alemã, e contemplo os sete andares dispostos em triangulo, evoco Berlim e Hamburgo. O horisonte visual é identico. E até, como na Alemanha, o triangulo azul do céu é constantemente cortado pelos reflexos metalicos dos Junkers...

* * *

O doutor Asuero entrou na praça de touros da «Maestranza» e toda aquela multidão se levantou, electrizada, a aclamá-lo.

O famoso e benemerito medico donostiarra continua a exercer sôbre portugueses e espanhois aquela influencia que dão o saber, o coração, o desinteresse, e que os ataques furiosos dos seus detractores não conseguem senão aumentar.

Um aficionado que estava ao meu lado nas barreiras exclamou:

— E' a primeira vez que se ovaciona um que não é matador...

FELIX CORREIA

PORTUGAL-ESPANHA

Sobre os portugueses e a Exposição Ibero-Americana

fala-nos o advogado Garzon

O dr. Manuel Blasco Garzón é o advogado andaluz de mais renome nos processos-crimes, em que a sua eloquencia e o seu saber obtem constantes e ruidosos triunfos. Durante o banquete que os rotarios de Sevilha ofereceram, no Hotel Alfonso XIII, aos jornalistas de Lisboa, o dr. Blasco ficou á nossa direita. E da sua conversação interessantisima — preludio dum discurso que emocionou os peninsulares e hispano-americanos que o escutaram — vamos publicar aqui alguns trechos.

Começou D. Manuel por se referir á capital portuguesa — «Lisboa: a urbe sonhadora e pitoresca, cheia de rincões, de travessas, de detalhes e de aspectos profundamente andaluzes».

— Só uma palavra portuguesa, sem expressão concreta no idioma castelhano, pode condensar o sentimento que nos deixa a visão de Portugal: «saudade»... Lembranças dulcissimas do que ali se viu; tristeza renovada por não se continuar a tê-lo á vista...

Depois:

— A Espanha ama Portugal. E Sevilha, especialmente, tem dado frequentes provas desse amor. Sendo eu membro da direcção do Ateneu sevilhano, organizou-se e celebrou-se um ciclo de conferencias sobre Portugal, e tive a honra de falar numa delas num tema que teve por eixo principal a figura culminante de Guerra Junqueiro. Fui tambem um dos promotores da conferencia que em Sevilha realizou o dr. Agostinho de Campos, e pensamos trazer ao nosso Ateneu, no proximo ano, outros ilustres conferencistas luzitanos.

Um «piropo»:

— Eu admiro Portugal, emporio da cultura, solar da cultura. Todas as ironicas anecdotas, tão equivocadas como profusas, que existem sobre o caracter do povo português, patenteiam e comprovam o enorme caudal da cultura, a inegavel espiritualidade dos luzitanos, que até nas suas revoluções, demonstrativas da inquietação e da ansia de perfeição que os domina, põem a fina nota da intelectualidade. Intelectual foi a revolução que se incubou nas aulas severas e veneraveis de Coimbra...

* * *

E a terminar:

— Em Espanha não pode surpreender-vos nada que não tenhais em Portugal. O trabalho conjunto dos dois povos salvará a cultura ocidental, ameaçada pelo Oriente. E hoje renasce a esperança no exito, pois se, durante muito tempo, Portugal e a Espanha, vasos diferentes do mesmo coração, mantiveram o contacto das suas costas, desentendidos um do outro, hoje, sem perder o contacto material, juntam os seus peitos, espiritualmente, num forte abraço fraternal. E esta Exposição Ibero-Americana que não será apenas feita de palacios suntuosos e palavras fervorosas, conseguirá a plena identificação dos corações irmãos.

Quadro de miseria

Margarida Ferreira é uma potre doente, tuberculosa no ultimo grau, que com sua irmã Libania Ferreira, tambem doente e sem trabalho, mora na Calçada dos Barbadinhos, n.º 112, r./c. Esq.

E' um quadro de miseria digno da compaixão dos nossos leitores.

Bombeiros Voluntarios

Comemorando o seu 61.º aniversario realizam os Bombeiros Voluntarios de Lisboa, depois de amanhã, um banquete de confraternização, promovendo tambem, uma comissão de socios, no da 19, no palacio de S. Luis, um sarau á francesa, no qual tomam parte varios artistas do nosso meio teatral.

A inscrição, tanto para o banquete como para o sarau, está aberta n séde da Associação, largo Barão do Quintela, n.º 7.

PELOS CINEMAS

«Maria do Mar»

Damos hoje, reunidas pela primeira vez, as seguintes indicações: o filme português «Maria do Mar» (titulo provisorio) é produzido e editado pela SUS (Sociedade Universal de Super-Filmes). O argumento e a realização são de Leitão de Barros. A planificação foi feita por Antonio Ribeiro. As legendas são de Norberto Lopes. Operador: Manuel Luiz Vieira. Fotografo: Ferreira da Cunha. Contra-regra: Antonio Duarte. Os principais papeis estão a cargo de Adelina Abranches (Tl'Aurelia), Rosa Maria Monteiro (Maria), Perpetua Gonçalves (a Mãe de Maria), Maria Leo de Almeida (Joana); José Alves da Cunha (o arrais), Eduardo Oliveira Martins (Manuel), Antonio Horta Costa (Tio Joaquim Pouca-Roupa), Francisco Sena (Tio Januario), José Tôrres (Tio Bernardo), e Antonio Duarte (Um outro velho). Alguns papeis foram entregues a autenticos naturais da Nazaré. Duas rabulas serão desempenhadas por Ferreira da Cunha (o Sacristão) e Cesar Costa (o Sargento). A acção decorre na Nazaré, Alcobaça e Batalha.

«Fraulein Lausbub»

Comunicam-nos de Berlim que Erich Schonfelder, realizador do filme «Fraulein Lausbub», que em português se denominará «A Menina Endiabrada», já visionou as scenas exteriores executadas em Portugal, quando da vinda de Dina Gralla e Artur Duarte.

A impressão de Schonfelder é muito lisongeira para os colaboradores portugueses, merecendo particular destaque o apréço que deu á actuação dos artistas Vasco Santana e Irene Isidro, e á filmagem de Manuel Luis Vieira.

A semana do Olimpia

Durante a presente semana, exibe-se no Olimpia um programa de sensação, com alguns dos mais famosos «azes» do cinema, com sejam Ramon Novarro, Tim Mc Coy, Antonio Moreno e Conrado Nagel.

A inauguração da época de inverno, no elegante e popular cinema da rua dos Condes, constituiu um acontecimento digno de registo. O programa exibido alcançou um exito retumbante.

Atraz da Tela

O exito alcançado na Alemanha pelo filme de Ludwig Berger «O Coração Ardente» é de tal ordem que a Terra Filme está actualmente sincronizando o negativo, a fim de o poder exibir nas salas que se dedicaram exclusivamente á exibição de filmes sonoros. Isto veio retardar a sua estreia em Lisboa, que estava marcada para o proximo dia 29.

— Depois de «A Mulher Misteriosa», que ontem alcançou um grande exito, o São Luiz exibirá sucessivamente «A Aldeia do Pecado», filme russo, da S. G. F., «Jujiro», filme japonês, da S. U. S., «Os Cossacos», com John Gilbert, e «O Filho do Outro», filme russo.

— «Inferno de Amor» continua na tela do Central.

— Raul Lopes Freire deve partir ainda este mês para Berlim, onde vai estudar as possibilidades da instalação em Portugal do «Ufaton».

— O Tivoli anuncia para muito breve as estreias de «Cagliostro», com Hans Stuwe, e de «O Patriota», com Emil Jannings.

— A SUS anuncia «Monte-Cristo», para um dos nossos cinemas.

— Lily Damita abandonou temporariamente o cinema pelo teatro. Betty Btylhe dispõe-se a seguir-lhe o exemplo.

— Adolphe Menjou vai interpretar uma pelicula em França. George K. Arthur tenciona figurar no «cast» desse filme.

— Nos tribunais de Hollywood estão correndo neste momento os divorcios de Blanche Sweet contra Marshall Neilan e de Constance Bennett contra Phil Plant.

— Samwel Goldwin tem revolucionado o mundo cinematografico com a novidade de «O Condenado», a nova «talkie» de Ronald Colman, não possuir uma canção «leit-motiv»...

— Tom Mix abandonou, definitivamente, o cinema. Faz parte duma companhia de circo e pôs á venda o seu magnifico «rancho» de Beverly Hills.

— Na presente semana projecta o Condes um interessante programa: «Dois Cavaleiros Arabes», odisseia de dois prisioneiros americanos na Grande Guerra, com Mary Astor e William Boyd, o criador do celebre «Barqueiro do Volga», e «Onde é que eu estava?»

O QUE SERÁ
O SEGREDO DE ROSITA?

BOLSA DE LISBOA

16 de Outubro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Comprad.	Vendedor
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O..	900$00	899$50	900$00
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	—	927$00	940$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	925$00	927$00	—
P. Ext. 3 0/0 3.ª série....	999$00	998$00	1.000$00
Banco Com. de Lisboa.	—	516$00	—
Banco Lisboa & Açôres	—	522$00	530$00
Banco de Portugal.....	1.070$00	1.065$00	1.079$00
C.ª C. F. de Benguela	—	—	1.555$00
C. C. F. N. L. 3 0/0 2.ºg.	—	77$50	79$50
C.ª das Aguas de Lisboa	42[illegible]$00	426$00	430$00
C.ª Gaz e Eletric., cou.	283$00	—	283$00
Soc. Industrial Aliança	—	—	—
C.ª Portugal e Colonias	110$50[illegible]	110$00	111$00
C.ª Nac. de Navegação	296$00	295$00	297$00
C.ª Tabacos de Portug.	654$00	653$00	655$00
C.ª Portug. de Tabacos	368$00	367$00	369$00
The Match Tobacco T. S. C.º.....	76$00	76$00	78$00
C.ª Amboim.....	166$00	165$00	166$00
C.ª Col. Buzi 1.ª emissão	—	73$50	—
C.ª Col. Buzi 2.ª emissão	—	—	—
C.ª de Seguros Sagres...	—	1.050$00	1.150$00
A Tabaqueira.....	—	—	—

OLIMPIA
SESSÕES DAS 14,30 A' MEIA-NOITE
Um programa de sensação
As mais famosas super-produções
com Ramon Novarro, Tim Mc Coy, Antonio Moreno e Conrado Nagel

ABERTO TODA A NOITE
RESTAURANT ROMA
— RUA DO MUNDO, 100 a 104 —
Luxuosos gabinetes no 1.º andar

Pavilhão Português
HOJE QUARTA-FEIRA, 16 — Estreia da super-produção em 12 actos HOJE
MADAME RECAMIER
Filme baseado na famosa obra literaria de EDUARD HERRIOT. Notavel interpretação de Marie Bell, Emil Drain, Charles le Bargy, Victor Vina, Desdemona Mazza, Nelly Carmen, etc.
«MADAME RECAMIER» é um belo filme francês, inspirado numa primorosa biografia visual, enquadrada numa das mais agitadas e brilhantes epocas da Historia Francesa.
Variedades e cinema ao ar livre por 1$60 com entrada gratuita no Parque
Amanhã, quinta-feira — Reaparição nesta epoca da eximia estrela de bailе espanhol DIAVOLINA
Estreia da super-produção O CRIMINOSO, 8 p., e de A NOVA TELEGRAFISTA, 6 p.
Sexta-feira, 18: CIRCO RENZ, 8 p., e O MISTERIOSO, 6 p.
Sabado, 19: Estreia D. QUICHOTE DE LA MANCHA, 12 p., por Pat e Patachon.
AVISO — A nossa bilheteira á entrada do Parque Mayer abre ás 19 horas, para a venda de bilhetes que dão entrada no Pavilhão Português por 1$60 incluindo a entrada gratuita no Parque.

GRETA GARBO
no São Luiz

CONDES
WILLIAM BOYD em
DOIS CAVALEIROS ARABES

A Cidade

TIVOLI
Amor de Mãe
com ESTHER RALSTON
Cantando vêm, cantando vão
com Richard Dix e Nancy Carroll

PELO DESPORTE

Automobilismo

O Congresso anual da Associação Internacional dos Automoveis Clubs Reconhecidos, que coincidia com o 25.º aniversario da fundação da A. I. A. acabou ante-ontem. Neste ultimo dia foi estabelecido o calendario desportivo internacional 1930. E, em assembleia geral solemne, na sala de festas, foi entregue a medalha da A. I. A. ao major sir Henry Segrave, recordman do mundo da velocidade em automovel.

* * *

Conforme noticiámos ha dias, partem hoje, ás 20 horas, os concorrentes portugueses ao «Rallye» de Barcelona. O «contrôle» de partida do «La Salle» do sr. conde de Fontalva será feita no Automovel Club de Portugal e a ele devem assistir todos os directores do Club, que se encontram em Lisboa, assim como os membros da Comissão Sportiva.

A «équipe» foi modificada. Com efeito, a falta forçada do sr. engenheiro João d'Korth fé-lo substituir pelo sr. Carlos Moniz Pereira.

Esgrima

O «Miroir des Sports», semanario francês, temendo a decadencia da esgrima no seu pais, e no intuito de a fazer ressurgir, aponta como nações que em competições internacionais têm mostrado bastas vezes o seu valors a Italia, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Espanha e muitas outras mais, esquecendo-se, como quasi sempre acontece, do nosso Portugal.

Fraca memoria tem aquele jornal francês. Jogos Pershing, Anvers, Paris e, ultimamente, Amsterdam, foram concursos em que a nossa esgrima deu mostras do seu valor. Mas então? Portugal continua a ser um pais ignorado.

Box

Em Paris, no sabado passado, André Routis, campeão de França e «challenger» ao campeonato do mundo dos levissimos, bateu, aos pontos, Fidel La Barba, antigo campeão do mundo, peso mosca, após um combate emocionante em que ambos os contendores deram mostras dum valor pugilistico excepcional.

Noticias diversas

O campeonato sul-americano de «tennis» foi ganho pela «équipe» argentina, que no final venceu os brasileiros por 3 vitorias a 2.

— D. Manuela Magno e o tenente Oliveira Reis desafiaram os detentores da «Echarp» e «Brassard Estoril». A nova disputa realiza-se no proximo domingo, 20.

— Mais uma sessão da Assemblea Geral da A. F. L., sem resultados praticos nenhuns.

— Em Janeiro de 1930 realiza-se o IX «Rallye» Automobilista a Monte-Carlo. O A. C. de Portugal deseja que concorra o maior numero de carros portugueses.

— Em Milão, o corredor profissional italiano Binda bateu o «récord» do mundo dos 50 quilometros, cobrindo a distancia em 1 h. 8 m. e 35 s.

— Na mesma reunião o amador italiano Bettesini bateu o «récord» do mundo da hora, conseguindo percorrer 42 quilometros 0,29, durante os 60 minutos da prova.

— Começa no domingo o Campeonato de Lisboa de «foot-bal». Segundo a formula que vai ser usada, no mesmo campo jogarão as 4 categorias dos dois grupos. Esta forma de realizar os jogos já foi utilizada durante uma época, tendo sido posta de parte. Veremos se agora dá resultado.

— A Coimbra deslocou-se, no domingo passado, uma «équipe» de atletismo do Sporting C. de Portugal, que, com facilidade, dispôs dos seus adversarios. São sempre proveitosas estas excursões dos grandes clubs ás terras da provincia, como propaganda do atletismo.

— Em Londres realizou-se o «match» de «tennis» entre o Internaconal Club de França e o Internacional Club da Grã-Bretanha. Os franceses venceram por 4 a 3.

— Realiza-se, de 17 a 19 de Outubro, em Barcelona, o encontro de «tennis» Espanha-Tcheco Slovaquia. Tchecos já constituiram a sua «équipe», que é composta por: Koseluh, Macenauer, Malecek e Rohrer.

— Em Chicago realizar-se-ha, a 18 de Novembro, o combate de «box» entre Paolino e Tuffi Griffiths. Paolino encontra-se em excelentes condições fisicas, sendo de prevêr a vitoria do campeão basco.

Leite puro e completo, em vasilhas de aluminio e seladas, dos Estábulos em Vialonga, de A. Lobo da Costa, Aven. da Republica, 37-D — Tel. 2883 N.

A QUESTAO DO PAO

Foram

presos ontem

e mandados para Pampilhosa da Serra

quatro industriais de moagem

Da Intendencia Geral da Segurança Publica, recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Tendo alguns industriais independentes manifestado publicamente, na sua Associação, incitamentos á rebeldia contra uma lei que garante uma das mais legitimas aspirações dos operarios da panificação e salvaguarda os interesses do publico, incitando os seus colegas panificadores á resistencia contra a lei, foi encerrada a referida Associação e presos os incitadores, cuja atitude se tornou suspeita ás autoridades».

A reunião de ontem

Tambem a mesma Intendencia nos envia a informação que a seguir publicamos:

«A' apreciação do publico ficam sujeitos dois documentos: a informação da policia e o resultado da fiscalização da Bolsa Agricola.

«Para conhecimento de E. Ex.ª o sr. Intendente Geral de Segurança Publica, Comando da Policia de Segurança Publica. Secção de Informações.

Reuniram ontem, pelas 21 horas, no Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 2.º, sob a presidencia do dr. Amandio de Campos, que fez uso da palavra, e leu uma carta em que a direcção pedia a sua demissão, o que foi aceite, sendo em seguida nomeada uma comissão administrativa, composta por João Baptista de Barros, Antonio Caetano de Morais e Lima Junior. Referindo-se depois ás multas ultimamente aplicadas aos industriais de panificação, disse que a classe está em má maré, porque nem que tenha razão para se queixar, ninguem os atende, porque as autoridades não cumprem a lei; pois que se uma padaria fabrica pão azêdo, lá está o decreto que diz que a mesma pode ser encerrada. Disse mais que enquanto não se responsabilizarem os operarios, por lei, a fabricar pão bom, nada terão feito. O orador, continuando, disse que isto é uma onda que ha-de passar com mais um bocado de sacrificio, e, lamenta não se poder queixar, mas que espera dizer ao sr. ministro da Agricultura, que a casa que ele orador representa cose 20 sacas de farinha por dia e está a perder dinheiro, dizendo mais que as leis em Portugal, têm sido feitas, contando com a farude. João Baptista de Barros disse que a classe dos industriais de panificação, têm tido o maximo respeito pela ditadura, pagando tudo quanto se lhe tem exigido, o que está fóra da lei; por isso, se deve reclâmar aos poderes constituidos e ás fôrças vivas do país, fazendo-lhes vêr as injustiças de que estão sendo vitimas, e protestar contra as multas, que indevidamente estão sendo aplicadas. Continuando, disse que, desde que um decreto é publicado, esse decreto só pertence á justiça e não ao sr. Intendente Geral, nem a qualquer chefe de policia; naquelas condições, ele, orador, era de opinião que, quando a classe se achasse prejudicada, era recorrer aos Tribunais competentes, o que, até á data, não se tem feito.

Antonio Agostinho disse que o momento actual, era delicado para a industria de panificação, e que aquela colectividade tem sido atacada por todos os lados, devido á politica do silencio; dizendo mais que era impossivel haver pão bem fabricado, enquanto houver o trabalho diurno, e não ha industrial nenhum que possa fabricar pão sem excesso de acidez, com fermentos feitos de vespera, e que as multas se deviam aplicar, era quando muito 650$00, e quando se provasse pela analise feita que o pão tinha excesso de acidez. Continuando, disse que o sr. Intendente Geral deve já estar convencido de que tem feito algumas injustiças á industria de panificação, mas a culpa é daqueles que andam atrás dele e não de S. Ex.ª, porque anda mal informado, e tudo que se tem feito á industria de panificação é um vexame.

O orador continuando disse que a ruina da industria provinha de parte dos operarios, da imprensa e das autoridades, e se melhores dias não vierem para a panificação, era melhor entregar as casas aos operarios.

Augusto Pereira, referindo-se ao mesmo assunto dos oradores antecedentes, disse que foi uma trovoada que pairou sôbre os industriais independentes, sem razão nenhuma, não se importando de ir para Monsanto ou para a Guiné.

Terminou a reunião ás 0 horas, com uma assistencia de cêrca de 80 individuos, sem mais novidade».

As padarias autoadas

«Relação das padarias autuadas pelo mau fabrico de pão impropio para o consumo:

Companhia Nacional de Alimentação, Travessa do Fôrno, 2, dia 14, pão com excesso de humidade: 3.000$00.

Antonio Marques dos Santos, Telheiras de Cima, 20, dia 15, pão mal fabricado: 3.000$00.

Fonseca & Fonseca, Avenida do Fidée, 27, pão mal fabricado e com mau cheiro: 3.000$00.

Cisnando Alves da Silva L.da, Rua Cidade de Manchester, 3, pão mal fabricado, muito mal amassado: 3.000$00.

Oliveira & Florindo, Travessa de Santa Quiteria, 56, pão muito mal fabricado: 3.000$00.

Companhia Nacional de Alimentação, Rua 20 de Abril, 159, pão muito mal fabricado e péssimo cheiro: 3.000$00.

Companhia Nacional de Alimentação, Rua de Marvila, 96, pão muito mal fabricado e pessimo cheiro: 3.000$00.

Companhia Nacional de Alimentação, Rua Zófimo Pedroso, 34, pão, mal fabricado e pessimo

Romão Rodrigues Ltd., Largo da Marquesa de Niza, 24, pão, com cheiro: 3.000$00.

(Vêr continuação na 12.ª página)

Pelos teatros

Teatro de S. Carlos

Foi adjudicada ao actor-emprezario Erico Braga a exploração do Teatro de S. Carlos, ficando a entrega do edificio dependente da conclusão das obras a realizar pela Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais. A exploração que Erico Braga venha a fazer em S. Carlos não prejudica qualquer actuação de caracter lirico, ou musical. No requerimento despachado pelo ministro da Instrução Publica, Erico Braga, com a maior isenção, declarou que a finalidade do S. Carlos era a Opera Lirica e, nesta conformidade, o teatro estará sempre aberto para toda a exploração consciente e séria desse genero. Ainda Erico Braga, no seu requerimento, prevê a cultura musical e a protecção que deve ser dada aos musicos portugueses e, neste sentido, dentro do seu esforço pessoal, se prestará a auxiliar qualquer iniciativa honesta. A primeira companhia de opera, organizada em Portugal, mas reforçada com elementos estrangeiros, talvez ainda esta época seja um facto e a sua organização ficar-se-ha devendo ainda a Erico Braga, que conta já no seu elenco com Tomás Alcaide, Silvio Vieira e Maria Reginald, uma cantora portuguesa de admiravel vóz de soprano.

«O Pai de Todos»

E' já depois de amanhã, sexta-feira, que o Teatro Apolo, Empreza José Loureiro, reabre as suas portas para inauguração da sua época oficial e estreia da nova companhia, que tem como principais figuras as ilustres artistas Adelina e Aura Abranches, gloriosos ornamentos da scena portuguesa e por demais queridas e estimadas de todo o publico. A peça inaugural desta temporada, firmada pelos aplaudidos escritores Felix Bermudes, João Bastos e Pereira Coelho, é a comedia «O Pai de todos», no genero alegre, para provocar o riso, bem delineada, posta em scena com todo o esmero e propriedade e comportando, no seu desempenho, além daquelas duas actrizes, mais os artistas Leonor d'Eça, Branca Riquetti, Julieta Silva, Rafael Marques, Luis Filipe, Sacramento, Alvaro de Almeida, Penha Coutinho, Joaquim Miranda e Carlos Santos, de quem é a enscenação brilhante da peça.

Teatro da Trindade

Conforme já noticiámos, o elegante Teatro da Trindade, novamente alindado e aformoseado, reabre as suas portas no dia 1 de Novembro, para inauguração da época de inverno, que vai ser realizada pela Companhia Hortense Luz, remodelada e enriquecida de elementos, continuando a figurar no seu elenco Nascimento Fernandes e o bailarino Francis e entrando de novo as brilhantes artistas Maria Sampaio, Irene Isidro e Filomena Casado. A inauguração desta temporada faz-se em espectaculos por sessões, com a consagrada revista «Chá de Parreira», completamente remodelada, com varios quadros e numeros novos, finais de acto, etc., constituindo um espectaculo inteiramente novo, popular, mas elegante e rico.

Atrás do reposteiro

Ficaram hoje completamente montados os scenarios para a peça «A Raça de Azaral», que na sexta-feira sobe á scena no Gimnasio, para reaparição da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga. O 1.º acto decorre na esplanada de um velho solar espanhol. O 2.º representa o interior de um pateo andaluz de casa rica e o 3.º acto um salão Luis XVI, da autoria de Luz & Almeida e «maquette» de Erico Braga e cuja iluminação é feita com os cristais da Companhia Industrial Portuguesa.

— Está pendente da Inspecção Geral dos Espectaculos uma reclamação do emprezario Estevão Amarante, declarando ter o bailarino Francis faltado ao cumprimento de um contracto que com ele firmara.

— Vão muito diantadas as obras que se estão realizando presentemente no Teatro de S. Carlos, Coliseu dos Recreios e Teatro Avenida, devendo estar concluidas nas datas que já foram fixadas.

— Com a peça «Dois Milhões» estreia-se hoje, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a Companhia Chaby Pinheiro. Na interpretação dos principais papeis entram Jesuina Chaby, Emilia Fernandes, Maria de Oliveira, Chaby Pinheiro, Manuel Bessa e Abilio Baptista. «Dois Milhões», que se manteve em scena em Paris durante quasi dois anos, é das maiores corôas de gloria do grande actor francês Victor Boncher. O personagem que interpretou vai ser desempenhado entre nós por Chaby Pinheiro.

— Estão trabalhando em Toulouse os bailarinos portugueses «Crezzi and Janon», já contratados para o Olimpia, de Paris.

— Estão escrevendo uma revista dois novos autores, um dos quais, ao que consta, é o nosso colaborador «Zé Maria».

— Vai ser editada uma «plaquette» com a nota dos numeros da revista «Chá de Parreira», que acabam de ser gravados em discos pela «His Master's Voice».

O QUE SERÁ
O SEGREDO DE ROSITA?

UMA OBRA

O trabalho americano visto e descrito por um operario francês

Com o titulo «O trabalho americano visto por um operario francês», publicou agora H. Dubreuil, uma interessante obra.

A bem dizer, Dubreuil não é um verdadeiro «operario» como todos os demais. Ha já muitos anos que conquistou um belo logar entre os publicistas, especialmente informado ácerca de tudo quanto diz respeito á vida economica e operaria. Já publicou sob o titulo «La Republique Industrielle», um livro importante. A sua cultura intelectual faria inveja a muitos «burgueses». E escreve com talento. Mas, afinal de contas, tem direito de se dizer «operario». Mecanico de profissão, trabalhou muito tempo em fabricas francesas. Como operario emigrante é que partiu para os Estados Unidos, onde viveu da sua profissão, sem mais recursos que o seu salario de mecanico, empregando-se sucessivamente nas fabricas que desejava observar e compartilhando da vida dos seus camaradas de oficio. O livro que nos oferece não deve portanto todo o sabor ás qualidades do escritor. E' um documento de especie rara. O trabalho americano é aí descrito e julgado não por um fazedor de inqueritos que interpreta a vida operaria pelas declarações dos que a levam, mas por um operario francês que por si mesmo a levou.

Tem o livro mais de 400 paginas. E Dubreuil procede por toques sucessivos: muitos factos, muita anecdota; poucas ideias gerais. O autor diz: em tal fabrica, vi isto; em tal outra, algo mui diferente. Não quer ser acusado de generalizações apressadas. A America é multipla e variada. Ha muitas fabricas americanas que absolutamente não são do tipo chamado «americano»; as empresas modestas, rotineiras, o trabalho do artezão iá conservam amplo logar.

Entretanto, certos traços parece que marcam bem a fisionomia do trabalho americano. Esses é que é preciso ver bem. O livro os mostra perfeitamente, em sua moldura, com todas as nuanças convenientes. A minha analise corre o risco de simplificar, de aumentar e deformar. Não será um grande mal, se inspirar ao leitor deste artigo o desejo de ir ao livro.

Dubreuil mostra-se plenamente partidario do que se chama Sistema Taylor e, os americanos, «scientific management».A seu ver, esse sistema tem evoluido de 50 anos para cá. Por volta de 1880, Taylor teve a ideia de analisar minuciosamente cada um dos movimentos feitos por um operario no trabalho; procurou eliminar os movimentos daninhos ou inuteis e definir com exactidão a série dos movimentos bem adequados, de rendimento maximo e minima duração. Esse metodo original pode ter e tem tido, na aplicação, inconvenientes graves. Contém o risco de animalisar o operario, «mecanisando-o», e de exigir dele, assim, um esforço muito continuado e intenso. Se o salario é fixado segundo o rendimento obtido no laboratorio de experiencias pelo operario perfeitamente mecanisado, os operarios médios, na oficina, se extenuam em pós desse salario inacessivel; os operarios mediocres ou envelhecidos serão inexoravelmente eliminados.

E' explicavel que os operarios europeus, quando o sistema Taylor foi levado entre eles (os operarios franceses em 1912, por exemplo) tenham reagido com hostilidade.

Viram no sistema um novo processo de exploração, dos patrões: esforço aumentado, trabalho mais ingrato, salario minimo. Dubreuil não lhes nega razão. Mas o sistema evoluiu A analise dos movimentos era apenas o essencial.

As caracteristicas do esforço americano são outras, e o sistema realmente de Taylor deve ser posto em seu logar, no enquadramento de um método geral. Eliminar a rotina, sacudir o tropor em que cai toda a industria estagnada em processos tradicionais, eis o verdadeiro principio do «scientific management» aumentar-se-ha a importancia relativa do pessoal administrativo, encarregado de «pensar» incessantemente nos possiveis aperfeiçoamentos da empresa. Tudo será continuamente posto de novo em apreciação: materias primas, ferramentas, disposição das oficinas, processos de fabricação e de controle. O fito será aumentar constantemente o rendimento, a «efficiency», a eficacia do trabalho. Tudo é objecto de registo e de estatistica. Um grupo importante de «study men», de observadores especialisados, anota os insucessos e os exitos. «A industria, diz Dubreuil, vive debaixo do a que se poderia chamar «regimen dos records», tanto quanto o proprio desporte... «Recorde» significa uma coisa registada, uma ««performance» devidamente constatada e que em seguida se deverá igualar ou, se possivel, ultrapassar, para merecer alguma atenção.»

A esse incessante esforço de aperfeiçoamento tecnico se procede de modo puramente experimental. Pouca ou nenhuma ideia teorica: pouco ou nenhum projecto a longo praso. O americano é empirista e imediatamente realizador.

Trata-se de mudar imediatamente o que não marcha direito e de generalisar logo a aplicação do processo que parece ter provado bem. Não se perderá tempo em discutir. A experiencia decidirá, a experiencia na propria oficina, nas condições reais do trabalho quotidiano. Assim, a fabrica taylorisada é um vasto laboratorio de experiencias permanentes, onde toda a gente é instigada a melhorar continuamente o rendimento do trabalho, a qualidade do produto, a economia de tempo, de esforço, de material.

Tudo isso, segundo Dubreuil, se faz com a anuencia geral dos proprios operarios. Não observou, actualmente, resistencia notavel dos operarios ao «scientific management». Em conjunto, o operario americano parece colaborar de bom grado com a direcção. A atitude sistematica hostil da classe operaria francesa, imbuida da doutrina da «luta de classes», parece ser lá excepcional. Por quê? O autor dá, aqui e ali varias razões, que eu classifico, o que ele não fez.

Em primeiro logar, essa luta experimental contra a rotina,esse incessante esforço de renovação tecnica, satisfaz plenamente as tendencias de um povo empirista e realista, que jámais se insurge contra os resultados de uma experiencia bem conduzida. Os americanos têm o taylorismo no sangue. Em segundo logar, a industria americana está, mais do que a nossa, impregnada do espirito democratico. Dos chefes aos executantes a distancia é minima; as relações entre eles são melhores. Sobretudo, o operario está mais bem informado; ha lá menos «segredo da direcção», mais luz. O operario conhece mais as razões das regras que se lhes impõem. Foi-lhe dado aso de julgar as experiencias em que se baseou a sua instituição. Assim, complicados sistemas para o calculo dos salarios são aceitos sem objecções, porque os principios são conhecidos e parecem justos.

Enfim, a razão principal dessa acquiescencia do operario americano ao trabalho «americanisado»: a sua condição, comparada com a do seu confrade europeu, é invejavel. Na oficina, se não é melhor, não é peor. Depois de tantos outros, Dubreuil refaz o processo do «maquinismo». E tudo bem considerado, ele o absolve. Não é esse o capitulo menos interessante do seu livro. Esse francês tão requintado não acredita que o maquinismo seja mau em si, mesmo, e eu diria: principalmente, quando, segundo a formula americana é levado ao extremo. O maquinismo tem seus defeitos e Dubreuil não os nega. Mas não é necessariamente, nem aborrecido nem cruel. Os antigos processos eram, muitas vezes, peores. E a maquina continua a ser a condição «sine qua non» de uma produção aumentada que melhora a vida material do operario da fabrica, de uma diminuição de fadiga, e de uma liberdade de afazeres que lhe permitem desfrutar essas melhorias

Porque, fora da oficina, o operario americano vive melhor que o europeu. Tem maior bem-estar. Uma hora de trabalho lhe proporciona mais do que o mesmo trabalho faculta em França; muito mais. Sobre essa tão dificil questão do valor «real» do salario, recomendo os calculos engenhosos e prudentes de Dubreuil.

Um operario qualificado, de Ford, trabalha, não ha duvida, «na corrente», ao ritmo implacavel do «comboio». Mas só trabalha 40 horas, cinco dias por semana. E pode comprar o «Ford» do ultimo tipo com 18 semanas do seu salario. «Se o seu colega francês pudesse sonhar com a compra de um carro do mesmo tipo e de marca popular francesa, seria preciso que ele afundasse nisso o salario de mais de um ano e meio.»

Não se vá pensar que o livro de Dubreuil seja uma apologia da America. Seria apresentado bem mal ao autor se levasse a pensar que ele tem por satisfatoria a condição do operario americano. Nos Estados Unidos como algures, apesar dos costumes democraticos, o operario continua a ser muito uma coisa material, uma maquina nas mãos dos patrões. O seu desenvolviento intelectual continua insuficiente, E não é «livre», isto é, obedece demasiadamente a moveis externos, a uma disciplina imposta e não querida. A emancipação do trabalho é, segundo Dubreuil, a substituição dessa disciplina externa por «moveis internos». Acredita ele que, na democracia industrial de amanhã, o trabalhador manual será livre, porque cooperará voluntariamente numa obra colectiva a que plenamente compreenderá, de que lhe aparecerão claramente como necessarios os encargos, e justa organização.

Não haverá no autor espirito de utopia, embebido do idealismo generoso dos socialistas franceses? Dubreuil não o negaria. Mas o que é importante é que esse francês, deslumbrado com realizações praticas, descubra na industria americana certo socialismo realista, que se vem encontrar, em muitos pontos, com as reivindicações aparentemente quimericas dos doutrinistas franceses. O taylorismo, o «scientific management», só cuidaram a principio, de problemas puramente tecnologicos, em que apenas estão em causa a maquina e o corpo do operario. Ao termo da sua evolução, deparam com uma nova ordem de factos: a psicologia do operario. Essses grandes organizadores da produção mecanica percebem enfim que não podem ir até o fim, nos seus esforços de organização, sem pôr em jogo forças espirituais, pois, antes de mais nada, são condutores de homens. A logica do sistema quer que se busque obter do trabalhador essa cooperação voluntaria, essa participação livre e esclarecida, sem as quais o maximo de rendimento, de rapidez e de economia, não poderá ser obtido. Já não se trata, aí, de filantropia. A cooperação, com todas as condições que implica—formação intelectual do operario, publicidade das deliberações da direcção, participação dos operarios na direcção, justiça completa nos principios da organização—essa cooperação acaba por ser considerada necessaria, por motivos tecnicos». Sem ela, a «efficiency» fica imperfeita, a organização irracional.

Dubreuil relata minuciosamente a «experiencia historica» de cooperação operaria, feita, a partir de 1924, por uma das mais poderosas companhias de caminhos de ferro americanas, a «Baltimore and Ohio». Experiencia limitada ainda, mas que parece demonstrativa. «Os que trazem sempre nos labios a palavra—utopia—, quando se fala da participação dos operarios na gestão das empresas», podem deparar aí a mais decisiva das respostas, e é curioso que ela nos venha do país de onde sem duvida menos se esperava.»

INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA
Largo D. Estefania, 6, 1.º **Telefone N. 3435**
CORPO CLINICO — DOUTORES
A. de Almeida Rocha — Clinica geral — ás 14 horas.
Eufrezinda Teixeira — Doenças das senhoras — 3.as, 5.as e sabados ás 14 horas.
Carlos Guerra — Clinica medica. Doenças do coração e pulmões — ás 12 horas.
Domingos Dias — Doenças da boca e dentes. Protese. Doenças tropicais — ás 9 h.
Heitor da Fonseca — Clinica medica. Doenças do estomago, intestinos e figado — ás 14 horas.
João Valente — Doenças dos ouvidos, nariz e garganta — ás 16 horas.
J. Pais de Larangeira — Doença dos rins e vias urinarias — ás 11 horas.
José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, gimnastica e massagem medica — ás 11 horas.
Lopes d'Andrade — Doenças dos olhos — ás 16 horas.
Teodomiro Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — ás 16 horas.
Camilo Sobral Blanco — Doenças da pele e sifilis — ás 14 horas.
Analises clinicas. Raios X e ultra-violetas. Electricidade médica.

Dr. Armando Narciso
Retomou a clinica
P. dos Restauradores, 48, 1.º
Telef. 5756 N.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias—Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas—Telefone 5205 N.

LEITURA PARA CRIANÇAS

Do livro "As quatro estações"

da poetisa Maria de Carvalho

transcreve-se

o capitulo "Outono"

A nossa ilustre colaboradora sr.ª D. Maria de Carvalho acaba de enriquecer a "Biblioteca dos Pequeninos", editada pela Empresa Nacional de Publicidade, com um lindo livro de contos para crianças, a que pôs o titulo As quatro Estações. *Em prosa facil e sugestiva, traçou a sr.ª D. Maria de Carvalho alguns quadros campestres, que se recomendam pelo seu ardente nacionalismo, orientação que julgamos a melhor quando se trata de fazer comprender ás crianças as maravilhas da nossa Historia e as belezas do nosso torrão natal.*

Nas Quatro Estações *topam-se a cada passo scenas traçadas com um grande pitoresco de linguagem e descrições primorosas de certos aspectos do campo nas diversas epocas do ano.*

E' um livro português, escrito com toda a ternura de um alto espirito feminino, para crianças portuguesas.

Ilustra-o o lapis sugestivo de Vasco Lopes de Mendonça, que encontrou na prosa amena da sr.ª D. Maria de Carvalho lindos motivos para dar azas á sua fantasia criadora.

Na areia fina e clara da praia, que se estendia entre o paredão de rochas e o mar, as ondas desenrolavam um alvo lençol de espuma e recuavam depois, deixando descoberta uma superficie lisa e brilhante, que espelhava a côr avermelhada do sol poente em cambiantes de luz encantadoras.

O pequeno Quirino, em mangas de camisa e com as calças arregaçadas procurava mexilhão entre as rochas, cujos grupos desiguais entravam pelo mar, formando blocos ou grutas, em pedras grandes separadas por veios de agua ou unidas por outras pedras mais pequenas.

Quirino, agil e decidido, ia saltando de pedra em pedra e enchendo o cesto que levava na mão.

Quirino tinha doze anos e era orfão de mãe. Acompanhava quasi sempre o pai á pesca, e quando ficava em terra não estava inactivo, mas todo o trabalho que fazia se relacionava com o mar que ele amava com infantil paixão, enraizada desde o berço, e assim procurava mexilhão ou lapas entre as rochas, consertava as rêdes, limpava o barco, apanhava sargaço e andava contente, uma vez que o deixassem estar no mar ou junto do mar, ou contemplando o mar, em que ele via a maior beleza do mundo.

Quirino era duma raça de herois, que se tinha tornado notavel pelos seus feitos de bravura, arrancando vidas á furia do Oceano, que ora nos embala, ora nos mata. O avô de Quirino quando morrera, já velhinho, tinha o peito coberto de medalhas e o seu nome era conhecido, de norte a sul, pelas inumeras vidas salvas pela sua coragem de experimentado marinheiro.

O pai de Quirino tinha seguido as pisadas do velho lôbo do mar. Nadava como um peixe, não temia as tempestades e tinha tambem arriscado a vida em muitos salvamentos. Era o banheiro mais afamado da praia, e o que inspirava mais confiança, pois o mar, com as suas rochas, com as suas ondas, com as suas marés, com os seus temporais, não tinha segredos para ele.

O pequeno Quirino educado nessa escola de dedicação, de coragem e de trabalho era uma criança verdadeiramente sã de corpo e alma. Temente a Deus, como todos os que muitas vezes vêem a morte de perto, honrado como todos os que se criam no gôsto de trabalhar, bom como todos os que sabem amar o seu proximo, tinha recebido a melhor de todas as lições: a do exemplo.

Todos os filhos a quem seus pais dão o exemplo da virtude, da coragem, da bondade e do trabalho, devem-lhes uma gratidão incalculavel, porque recebem deles como que uma segunda vida, que os prepara para, em todas as circunstancias da existencia, saberem cumprir o seu dever, ou até ir além do seu dever, em actos de dedicação admiraveis e meritorios.

O pequeno Quirino, perdendo a mãe, tinha-se criado entre homens, homens fortes e leais, que o educaram sem pieguices, mas com afecto.

Quirino lembrava-se do dia em que o pai o levara pela primeira vez fora de pé, levemente seguro ao seu cinto de banheiro e em que já a uma distancia respeitavel da praia lhe tinha dito com aquela voz imperiosa e energica que lhe inspirava uma cega confiança:

—Larga-me!

Quirino largou o pai, mas um pouco perturbado deu algumas braçadas desencontradas e bebeu um golo de agua salgada.

O pai, sem o perder de vista, certamente pronto a lançar-lhe a mão, disse-lhe serenamente:

—Que é lá isso rapaz?... Cabeça para cima e avança aqui ao meu lado.

Aquela voz tranquila fez o seu efeito salutar no animo do pequeno. As braçadas retomaram o ritmo, a cabeça ergueu-se e os dois nadadores voltaram rapidamente á praia.

O pai de Quirino era um nadador excelente; não se estendia ao cimo de agua, como uma prancha que se entrega ás ondas, colocava-se na posição obliqua das rãs, quasi a prumo, e movia os braços e as pernas em movimentos elasticos e ageis, sem precipitações e sem fadiga.

Quirino tinha aprendido essa maneira de nadar e cortava as ondas com a facilidade com que cada um anda por sua casa.

Aos doze anos era um pequeno homem musculoso e forte, com uns olhos esverdeados, como as aguas revoltas que ele tanto amava.

Em contacto com aquela natureza bravia e grandiosa do mar e das rochas, tinha uma certa tendencia contemplativa, como quasi todos os marinheiros e pescadores.

Ficava-se muitas vezes empoleirado nos rochedos ou estendido na areia, a vêr o pôr do sol, admirando as mudanças de luz no céu e no mar e sentindo indefinidamente a magestosa melancolia do Oceano em que parece reflectir-se a grandeza de Deus.

Naquela tarde em que Quirino procurava mexilhão interrompeu a sua tarefa para sentar-se numa pedra alta, vendo o sol que se atufava, dando ás nuvens ligeiras que corriam no horizonte e ás ondas que acalmavam a sua voz na doçura do entardecer, uns tons côr de rosa, que pouco a pouco se tornavam doirados, alaranjados, rôxos, verdes, com umas graduações insensiveis, tão lindas que o pequeno se imobilizava extasiado, sentindo mais do que entendendo a beleza do espectaculo maravilhoso. Mas uma voz clara e argentina arrancou-o aquele scismar.

—Ó mãesinha eu posso ir para o pé do Quirino vêr o pôr do sol?

Quirino conhecia muito bem aquela voz e voltou-se imediatamente para a praia.

Sentadas na areia, perto dali, estavam a Branquinha e a mãe que passavam longos mêses nessa praia salubre, onde tinham uma linda casa edificada sobre as rochas. O pai da Branquinha era um senhor que fazia versos, um poeta, como lhe chamam, e que o Quirino muitas vezes encontrava nas suas excursões pelas furnas.

A Branquinha tinha onze anos e era branca e delicada como o seu nome.

O pai de Quirino, que era banheiro daquela pequena familia, tinha começado a ensinar a Branquinha a nadar.

Muitas tardes, enquanto a mãe ficava sentada na praia, lendo ou bordando, a Branquinha descalça ou com as suas leves sandálias ia com o Quirino para as rochas apanhar lapas.

Foi por isso que o pequeno vendo a Branquinha gritou logo:

—Venha para aqui, menina, que o mar não chega cá!

A Branquinha, depois do assentimento da mãe, saltou para as pedras e dentro em pouco estava sentada ao pé do Quirino.

—E' muito lindo o pôr-do-sol, pois não é, ó Quirino?

—Lá isso é, menina. Repare, repare naquelas nuvemzinhas côr de rosa, cinzentas, rôxas... E depois a côr vai-se delindo e fica um verde muito claro, até chegar ao céu azul...

—E o mar?... Olha que bonito que está o mar!... Parece de setim... Queres ouvir uns versos que o meu pai outro dia fez ao mar e que eu já sei de cór?

—Diga lá, menina, diga!... respondeu o Quirino, que gostava de versos e aprendia todos os que encontrava na selecta.

A Branquinha começou a recitar com a sua voz infantil e cantante:

Ha quem encontre no mar
Eterna monotonia...
E eu vejo-o sempre mudar
A cada hora do dia!

De manhã, azul velado
Duma bruma indefinida,
Parece mal acordado
A luz do sol e da vida.

Meio dia—é lago imenso
Em que o sol de oiro se mira.
E do seu canto suspenso
Só um murmurio suspira.

A' tarde, quebra-se o espelho,
A vida freme e, profundo,
Parece abarcar o mundo
Abraçando o sol vermelho.

A espuma em ondas se espalha
Pela areia ardente e lisa...
Levanta-se fresca a brisa
E o sol apaga a fornalha.

A noite desce—o mar clama
Não sei que estranha balada...
Até que anuncia a aurora
A estrela da madrugada.

Muda a voz e muda a côr,
Mar de força e de beleza,
Que nos revela a grandeza
E o poder do Criador!

Quando a Branquinha acabou de recitar os versos do pai, as duas crianças quedaram-se silenciosas.

O céu ia-se descobrindo, o mar tornara-se cinzento e levantava-se uma brisa fresca de outono.

O Quirino e a Branquinha contemplavam.

Só quando a mãe de Branquinha os chamou, acordaram desse enlevo e desceram á praia para recolher a casa.

QUEREIS UM SABONETE FINISSIMO COM PERFUME DE GRANDE LUXO?
Experimentai as grandes criações da Fabrica de ST.ª CLARA
MELISSINDE—SENSITIVA—FLORES EXOTICAS
Qualidade não inferior ás dos melhores fabricantes estrangeiros
CADA UM EM SUA CARTONAGEM
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS AO PREÇO DE ESC. 3$50
Deposito SOCIEDADE CRUZ SOBRINHO LDA., rua do Carmo, 43, 1.º — TEL. C. 460

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,30—«Quando nos casamos?».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«Chá de Parreira».
Esplanada Egipcia (Parque Mayer)—A's 20,30 e 22,30—«Off-Side».

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Cinema Condes—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Odeon—A's 21.
Central Cinema—A's 21.
Salão Ideal—A's 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.

Nacional
HOJE—ás 21,30
Grandioso sucesso
da comedia em 3 actos
QUANDO NOS CASAMOS?

TEATRO VARIEDADES
A's 20,30 e 22,30
A revista
Chá de Parreira
Sempre enchentes

Sumauma Nacional
A 4$00 O KILO
— Estrangeiras ao melhor preço —
COLCHOARIA CENTRAL
128—RUA DOS FANQUEIROS—130
TELEFONE C. 1161

NEGRITA
Fino rebuçado, fino bombom, fino doce de bom paladar, para creanças e adultos-combate a tosse, não contem essencia, nem outros produtos prejudiciais á saude, prefiram esta qualidade; vendem-se em todos os bons estabelecimentos tanto de Lisboa como da provincia.
FARIA & ROSA LTD.
R. 1.º de Maio, 2, 4 e 6—LISBOA
TELEFONE BELEM 365

Aos que regressam
Do campo, termas ou praias, aconselha-se a infalivel JUVENTUDE que suspende a queda do cabelo, fazendo recuperar todo o vigor. Fr. 12$50. Correio mais 5$00. Dep. geral: Drogaria Dias, R. Fanqueiros, 342, 344.

Sortes grandes
só o **PINA** as vende
75—Rua de S. Paulo—77

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894
Séde:—Calçada do Duque, 20—Lisboa

Pagamento do coupon n.º 1 das Obrigações de 7 3/4 0/0 das linhas do Minho e Douro e Sul e Sueste

A partir do dia 15 do corrente efectuar-se-ha o pagamento do coupon n.º 1 das obrigações de 7 3/4 0/0 das Linhas do Minho e Douro e Sul Sueste, emitidas nos termos do Contrato de 11 de Março de 1927, celebrado entre o Estado Português e esta Companhia.

Não estando ainda concluidos os titulos definitivos destas obrigações, o pagamento deste coupon, efectuar-se-ha nos Estabelecimentos Bancarios onde os srs. obrigacionistas fizeram a sua subscrição, mediante a apresentação da respectiva cautela.

Lisboa, 11 de Outubro de 1929.

O Presidente do Conselho de Administração
Ruy Ennes Ulrich

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

3.º aditamento á Tarifa Internacional n.º 302 — Grande velocidade

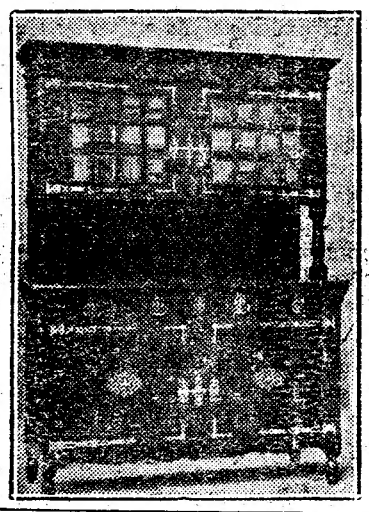
A partir de 15 do corrente a condição 4.ª desta tarifa é modificada como a seguir se indica:

«4.ª — CRIANÇAS — As crianças de idade não superior a 4 anos são transportadas gratuitamente, mas não têm direito a um lugar distinto. As de 4 até 10 anos e as menores de 4 anos para as quais seja reclamado lugar pagam meio preço.»

Lisboa, 12 de Outubro de 1929. — O director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

GRAMOFONES
"His Masters Voice"
Acaba de chegar uma nova remessa de
Aparelhos portateis
nas mais lindas côres

Estes aparelhos, muito comodos e praticos, são recomendaveis para viagem, passeios, pequenas salas, gabinetes, etc.
Apesar de serem no mais pequeno formato que esta afamada marca fabrica são tão perfeitos na sua mecanica e sonoridade, como os modelos grandes
Queiram Vv. Ex.as ouvi-los nos seus
AGENTES EXCLUSIVOS
Grande Bazar do Porto
LISBOA — **PORTO**
150, Rua Augusta, 152 — 192, R. St. Catarina, 196



Armazens de Moveis do Calhariz
DE
Paixão Carvalho, Ltd.
As nossas mobilias de casa de jantar (estilo holandez) e de outros estilos, são de fabrico esmerado e teem satisfeito os mais exigentes
DIGNE-SE V. EX.ª VISITAR A NOSSA EXPOSIÇÃO
Grande sortido em Oleados, Carpetes, Tapetes e Passadeiras
26, LARGO DO CALHARIZ, 28 Telefone T. 865

MOVEIS, ESTOFOS E DECORAÇÕES
Casas de jantar, quartos de cama, escriptorios, salas e mais moveis soltos, oleados, tapetes, carpetes e outras decorações. Preços excepcionaes.
ARMAZENS BARROCA
Telefone T. 1095 — Rua Atalaia N.os 31 a 35

MOBILIAS
Não comprem sem vêr a grande existencia e os preços do fabricante que tambem as executa por encomenda em todos os generos — SEMPRE MODELOS NOVOS
Antiga Marcenaria do Desterro
— RUA DO DESTERRO, 17 a 29 —

CURANDRA é o unico remedio garantido contra uretrites. em 5 a 10 dias. A pedido indicamos medicos.
Representante: KARL SCHUNCK, Rua S. Julião, 72-2.º, Lisboa — Depositario: RAUL GAMA, Rua dos Douradores, 31, Lisboa — Agente no Porto: ARMINDO JOSÉ DA SILVA, Rua do Almada, 254, 1.º

POLICLINICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 2.º 98,
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—*Dr. Armando Narciso*—5 h.
Cirurgia geral, operações—*Dr. Bernardo V*—4 h.
Rins, vias urinarias—*Dr. Miguel Magalhães*—10 h.
Pele e sifilis—*Dr. Correia de Figueiredo*—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—*Dr. R. Le*—2 h.
Doenças dos olhos—*Dr. Mario de Mattos*—2h.
Garganta, nariz e ouvidos—*Dr. Mario Oliveira*—12 h.
Estomago e intestinos—*Dr. Mendes Bello*—3 h.
Utero e anexos e operações—*Dr. Casimiro Afonso*—ás 2 h.
Doenças da nutrição—*Dr. A. de Carvalho-Dias*—4 horas.
Doenças das crianças—*Dr. Filipe Manso*—12h
Boca e dentes—*Dr. Armando Lima*—10 h.
Raios X—*Dr. Aleu Saldanha*—4 h.
Analises clinicas—*D. Gabriela Beato* 4 h.

Policlinica Central de Lisboa
Para as classes pobres
Praça Luiz de Camões, 22, 2.º-Esquerdo
Telefone—Trindade 1043
Dr. Borges de Sousa—Doenças dos olhos—10 horas.
Dr. Henrique Castos—Rins e ap.º urinario—11 1/2.
Prof. Egas Moniz—Nervosas e mentais—3.
Dr. Mello e Faro—Doenças das creanças—3.
Dr. A. Burguete—Estomago e intestinos—10.
Dr. Sant'Ana Leite—Ouvidos, nariz e garganta—12.
Dr. Albino Valente—Pele e sifilis—1 1/2.
Dr. Figueiredo Valente—Medicina geral, coração, pulmões—1 1/2.
Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral—3
Dr. Oliveira Luzes—Fisioterapia, massagem, etc.—1 1/2.
Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras—4.
Dr. Tiago Marques—Boca e dentes—10.
Dr. Eduardo Coelho—Circulação e nutrição—4.
Dr. Custodio Teixeira—Analises clinicas.

MOSAICOS
A maior producção de Portugal — Os de melhor fabrico
GOARMON & C.A
A maior fabrica do pais—Escritorio: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21, Rua do Corpo Santo, 32—LISBOA. — **Azulejos Cimentos — Louças Sanitarias.**
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUCÇÃO
Pedir catalogos e preços.
Telefone C. 1244

Rigor da Moda
Grande Alfaiataria
Sobretudos, ultima moda 190$00
ACEITAM-SE FATOS A FEITIO
18, Rua de S. Nicolau, 20
Esquina da R. dos Douradores

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Visita do sr. Presidente da Republica a Madrid, Barcelona e Sevilha, partindo de Lisboa no dia 16 do corrente.—Viagens a preços reduzidos de Lisboa e Porto a Madrid e volta e a Sevilha e volta

As pessoas que desejarem assistir aos festejos que se realizam em Madrid e Barcelona por ocasião da visita do sr. Presidente da Republica a Espanha, podem faze-lo aproveitando as vantagens da actual Tarifa Especial 202.

Os bilhetes desta Tarifa são validos por 30 dias e custam:

De Lisboa a Madrid e volta

Esc. 364$75 em 1.ª classe e Esc. 262$85 em 2.ª

Do Porto a Madrid e volta

Esc. 401$45 em 1.ª classe e Esc. 284$15 em 2.ª mais a sobretaxa de velocidade para os comboios rapidos

Os passageiros do Porto e além, podem seguir no Comboio 54—Sud-Express—que parte do Porto ás 12,55, até Entroncamento, pagando o suplemento de luxo, tomando ali o Comboio 151 rapido de Madrid, se reservarem os lugares com devida antecedencia.

O Comboio 151, rapido de Madrid, é diario, parte ás 16,50 de Lisboa-R, chega ao Entroncamento ás 18,40, e leva Wagon-Restaurant e Wagon-Lits.

Como o sr. Presidente da Republica chega a Sevilha no dia 23, o prazo para a venda dos bilhetes especiais a preços reduzidos para Sevilha indicado no cartaz E. 1.506 é ampliado até 23 do corrente inclusivé, mantendo-se a validade para o regresso até 31 de Outubro.

O preço destes bilhetes é o seguinte:

De Lisboa a Sevilha e volta (compreendendo o trajecto espanhol)

Pela Via Vila Real de Santo Antonio: 1.ª classe, 260$00; 2.ª classe, 217$50; 3.ª classe, 180$45

Pela Via Badajoz: 1.ª classe, Esc. 137$40 (pesetas 60,00); 2.ª classe, Esc. 96$20 (pesetas 44,65); 3.ª classe, Esc. 62$00 (pesetas 24,75 mais a sobretaxa de velocidade para os comboios rapidos

Para preços de outros pontos, consultar os cartazes afixados nas estações da Companhia.

Tem V. Ex.ª o cabelo liso?
Com um simples corte de cabelo, por 5$00 obtem V. Exª uma ondulação indesfrizavel. Este novo sistema de trabalho só no
CABELEIREIRO DA MODA
(Esquina da rua da Emenda)
R. do Loreto, 37. Telef. 762 Trindade

ESTRANGEIRO

IMPERMIABILISA-SE GABARDINES
sortido novo mais barato
ALFAIATARIA SOARES
R. da Prata, 156

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

A conferencia naval

LONDRES, 16

Espera-se que sejam recebidas dentro de poucos dias as respostas das quatro potencias convidadas pelo Govêrno britanico a participar da conferencia naval que terá lugar em Londres na terceira semana do mês de Janeiro do proximo ano.

Os Estados Unidos manifestaram o seu bom desejo de participar. A aceitação da Italia foi comunicada na noite passada. As noticias de Tóquio indicam que o Japão vai telegrafar uma resposta favoravel e ontem notificaram de Paris que o Govêrno francês está elaborando a sua resposta, aceitando

A «agenda» da conferencia será assunto para uma previa troca de impressões entre as potencias interessadas

O que mais largamente será discutido será —espera-se—a revisão do tratado de Washington de 1922, e as categorias não abrangidas por aquele acordo, especialmente cruzadores pezados e ligeiros, torpedeiros, submarinos, etc.—(H.)

PARIS, 16

«Le Journal» julga saber que a França, na proxima conferencia naval, não aceitará restrição alguma na limitação da tonelagem dos submarinos.

Sobre a percentagem da tonelagem dos navios de superficie, manter-se-ha como na conferencia de Washington, visto que outro sistema de paridade é insustentavel por a França ter necessidade de assegurar a defesa do seu litoral e as suas comunicações com as colonias.—(H.)

O serviço militar em França

PARIS, 16

O sr. Painlevé pronunciou ontem um discurso na Sorbonne, referindo-se á aplicação do serviço de um ano, demonstrando as condições de segurança actualmente existentes, e concluindo por afirmar que o novo exercito de um ano é uma força ao serviço da paz.—(L.)

A crise do café brasileiro

RIO DE JANEIRO, 16

O «Jornal do Brasil» diz que as tentativas feitas para se obter um emprestimo de 9 milhões de «dollars», em New-York ou Londres, para protecção do mercado de café contra a crise de sobreprodução, fracassaram.—(H.)

Palace Pension Hotel
Rua das Taipas, 2 = Telefone N. 5652
Reservam-se explendidos quartos com casas de banho e dormidas.

A. GUERREIRO
Cirurgião-estomatologista pela Escola dentaria de Paris retomou a clinica
R. S. Paulo, 26 — Tel. T. 2227

Ceramica de Construcção
TELHAS
(de todos os tipos)
MANILHAS DE GRÉS
TIJOLOS
(de todos os formatos)
PRODUCTOS REFRACTARIOS
AZULEJOS
(brancos, pintados e artisticos)
LADRILHOS DE CIMENTO
PRODUCTOS DE OLARIA
LOUÇA SANITARIA
MOSAICOS DE GRÉS CERAMICO
DAS FABRICAS DA
Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania
Antiga Fabrica Bessiére
Rua do Arco do Cego, 88, (Campo Pequeno)
Telefones: 547-N. e 2626-N. — Telegramas: ERREISSÈR

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

INGLATERRA-ESTADOS UNIDOS

A VIAGEM

de Mac-Donald

á America do Norte

A viagem de Mac-Donald á America do Norte dá-nos já uma nota de interesse, a da declaração conjunta do chefe trabalhista e de Hoover, na qual parece afirmar-se, entre outras coisas, que as conversações anglo-americanas versaram, em geral, sôbre as relações entre os dois paises, tratando-se de aclarar e definir a situação criada pela adopção do Pacto Kellogg.

Nas conversações dos dois presidentes assentou-se em que uma guerra entre a Inglaterra e os Estados Unidos é inconcebivel e que a desconfiança que este absurdo receio podia produzir não deve influir na politica nacional de ambos os paises.

No que se refere á redução de armamentos navais, parece que se chegou quasi a um completo acôrdo, pois os obstaculos que existiam antes das conversações ficam substancialmente postos de parte.

As potencias incluidas no Tratado de Washington de 1922 serão informadas da marcha e desenvolvimento das conversas, e a Conferencia das Cinco Potencias, já proposta, ocupar-se-ha com mais facilidade dessa questão, estabelecendo-se diligencias para resolver as possiveis dificuldades.

Em consequencia das seguranças que proporciona o Pacto de Kellogg, esperam os govêrnos da Gran-Bertanha e dos Estados Unidos que, mediante o acôrdo relativo á paridade das esquadras, ficará definitivamente terminada a competencia no que se refere ás construções navais.

* * *

Pela Presidencia dos Estados Unidos e pela Embaixada da Inglaterra foi simultaneamente publicada uma declaração relativa ás conversas celebradas entre Mac-Donald e Hoover, na qual se diz que a visita do primeiro ministro britanico tinha por objecto principal estabelecer um contacto pessoal entre os dois, a fim de tratarem do desarmamento pessoal, especialmente no que se refere á Gran-Bretanha e Estados Unidos, no que ambos estão de acôrdo, ainda que as duas nações tenham modalidade de pontos de vista diferentes.

Os dois presidentes têm tratado, nas suas conferencias, do velho problema historico, examinando a situação creada pela adopção do Pacto de Paris contra a guerra.

Diz a referida nota que a America do Norte e a Inglaterra propõem aos paises que assinaram o Acôrdo de Washington de 1927 a reunião de uma nova conferencia para tratar da questão do desarmamento geral, verdadeiros meios de pacificação mundial e garantia de segurança.

E na nota fornecida á imprensa por Mac-Donald e Hoover diz-se ainda que estes foram guiados pela dupla esperança de derimir as diferenças de criterio sôbre assuntos navais e contribuir para a solução do problema da paz, no qual todas as nações estão interessadas e dos quais ambos solicitam cooperação.

Os governos norte-americano e inglês resolvem aceitar o Pacto Kellogg, não só como manifestação de boas intenções, mas como obrigação positiva de orientar as respectivas politicas de acôrdo com a declaração, encaminhando seus pensamentos e influencias para a conservação da Paz.

Tendo declarado que a guerra entre ambos os paises—Inglaterra e Estados Unidos—é inconcebivel, Hoover e Mac Donald afirmam que vão encarar os velhos problemas historicos, considerando-os por uma forma nova e dentro da nova atmosfera.

"Partindo da suposição—diz a nota textual—de que se desvaneceu o perigo de guerra entre nós, e que os conflitos entre as nossas forças navais e militares não podem ter logar, os problemas mudaram de caracter e a sua solução por meios satisfatorios chegou a ser possivel para ambos os paises.„

Acrescenta a nota que outras potencias navais têm sido progressivamente informadas do desenvolvimento das conversações anglo-americanas, reconhecendo-se imprescindivel a sua cooperação para o acôrdo do desarmamento naval, para o qual será necessaria uma discussão livre, franca e desapaixonada.

José das Neves Leal,
na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todos os seus amigos e pessoas de suas relações que se interessaram pela doença de seu falecido Pae e que o acompanharam no doloroso transe, pedindo desculpa de qualquer falta involuntariamente cometida.

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Inglaterra-Australia

MELBOURNE, 16

Scullin, o futuro novo Primeiro Ministro do «Commonwealth», entrevistado pela Agencia Reuter, diz que o facto dos trabalhistas governarem simultaneamente na Grã-Bretanha e Australia terá um dos mais salutares efeitos nos dois países, e auxiliará materialmente o estudo das questões de interesse mutuo. O Govêrno trabalhista australiano trabalhará em harmonia com a Grã-Bretanha nas suas relações pacificas com a America e outros países, e dará um sincero apoio ás medidas praticas da Grã-Bretanha para a redução dos armamentos.—(H.)

O principe de Gales aviador

LONDRES, 16

O Principe George está praticando para piloto-aviador. Na maior parte dos dias da semana passada, o Principe, acompanhado por seu irmão o Principe de Gales, esteve treinando-se no aerodromo de Northolt

Ontem, ambos tripularam aparelhos «Gipsy Moth», o Principe de Gles acompanhado pelo seu piloto pessoal, Mr. Fielden, no seu proprio aparelho, e o Principe George com o comandante de esquadrilha Don, num aeroplano emprestado pela Companhia Dehavilland.—(H.)

Soviets-China

TOQUIO, 16

Informam de Kharbin que uma brigada chinesa composta de 2.400 homens foi enviada para pôr termo á situação criada nas proximidades de Ling Kiang, cidade chinesa situada na confluencia dos rios Amor e Sungari, ocupada pelos soviets no domingo passado, depois de um encontro durante o qual foram afundadas algumas canhoneiras.

Os chineses avançam para retomar Ling Kiand, de onde as forças sovieticas podem impedir a navegação nos rios aos navios chineses.—(H.)

BOVRIL

E' o reconstituinte preferido, recomendado pelos medicos mais abalizados. E' infalivel em todos os casos de anemia, convalescença e fraqueza geral

Vende-se nas farmacias, drogarias, mercearias, pastelarias, etc

AGENTES EM PORTUGAL
A. L. Simões & Pina, Ltd.
Rua das Flores, 22
LISBOA

ODEON HOJE ás 21 horas
O VENTO trag. de V. Sjostrom com Lilian Gish
Um vaudeville com Harry Liedtke
«O IDOLO DAS MULHERES»
A grande orquestra FABRE

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. Manuel Caeiro Carrásco
Interno dos Hospitais
Especialisado em Paris
Doenças da pele-Sifilis
Rua Garrett, 17, 2.º
T. C. 1789
das 3 ás 5 horas

O que dizem de nós

OS erros praticados pela imprensa estrangeira acêrca dos portugueses

Recebemos a seguinte carta:

...*Sr. redactor:* — Só ha pouco acabei de lêr o livro «Congo et Angola» escrito pelo jornalista Pierre Daye, a proposito de uma reportagem efectuada por aquele senhor, através da nossa Colonia e do Congo Belga.

Desisto de fazer uma crítica ampla do livro, — ainda que o julgue bem digno disso — principalmente porque não tenho a certeza de conseguir levar os seus leitores até ao fim da minha prosa; no entanto, ha nele uma passagem que não posso deixar sem o meu protesto, no qual, estou certo disso, me acompanharão todos os portugueses que tenham consciencia da nossa dignidade colectiva.

A paginas 68 do referido livro, diz o sr. Daye, referindo-se aos portugueses:

«ils n'en ont pas moins pratiqué toujours une politique d'assimilation. De lá le grand nombre de métis; de lá peutêtre aussi, par l'intrusion dune grande abondance de sang négre dans tous les éléments de la nation, certaines transformations ethniques, que expliqueraient les changements survenis au Portugal depuis l'époque glorieuse des découvertes et des conquêtes».

Reli já esta prosa dezenas de vezes, procurando atenuar-lhe o sentido, fiscalizando a barberie da minha tradução; e sempre a conclusão é a mesma, desoladora, brutal...; nós seremos, na opinião do conceituado sr. Daye, um resíduo etnico duvidoso, duma raça que se extinguiu... E ha muitos dias que eu, deambulando pelos asfaltos da cidade, interrogo, ansioso, os rostos dos meus compatriotas, procurando neles os estigmas degradantes dos selvagens, que Mr. Daye tão facilmente observou.

E Mr. Daye escreveu isto, tendo na sua obra, bem marcado, o proposito de ser agradavel aos portugueses. Foi porque provas insofismaveis, forçaram a sua probidade de «reporter» a ser descortês?, ou cometeu o sr. Daye, pura e simplesmente uma gafe, — indigna de uma pessoa culta e correcta, e mais indigna ainda dum jornalista com as responsabilidades de Mr. Daye —, lançando sôbre os portugueses um labeu que é um insulto, no proprio momento em que se procura estreitar as relações entre a sua Nação e Portugal?

Certamente a Nação belga não é responsavel pelos êrros ou precipitações do sr. Daye, mas justamente por isso, e porque aquele senhor é um jornalista de nome no seu país e nos tem sido agradavel, nós entendemos necessario vincar bem o nosso protesto.

A não ser que o sr. Daye apoie a sua hipotese com elementos scientificos insofismaveis; nesse caso ser-nos-hia legitimo exigir os documentos que levassem á demonstração do facto apontado. — De v., etc., *Antonio da Mata.*

O ROUBO DA JOALHARIA LORY
Durante esta semana exposição de parte das joias apreendidas em Sevilha.
Lory & C.ª — Rocio, 40

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

O *DIARIO DE LISBOA* vende-se: no Porto, A. Dias Pereira & C.ª, Praça da Liberdade; em Coimbra, A. M. Ferreira & Irmão.

A VIAGEM PRESIDENCIAL

PARTE hoje para Madrid o sr. Presidente da Republica

Dentro de poucas horas, ás 18,25, parte para Espanha o sr. Presidente da Republica, com os srs. Presidente do Ministerio e ministro dos Estrangeiros, e comitiva.

A's 23 horas de hoje estará já em terra espanhola, além da fronteira, em Valencia de Alcantara.

Declarações do sr. Presidente da Republica

Ao nosso colega *Diario de Noticias* concedeu o sr. general Carmona, uma entrevista, publicada hoje, relativa á viagem presidencial.

Pelas declarações do Chefe do Estado, o sr. general Carmona tencionava visitar as Exposições de Sevilha e de Barcelona, mas entendia que não o devia fazer sem primeiro ir a Madrid saudar o Soberano Espanhol. Aos encontros do pensamento do sr. Presidente da Republica vem o general Primo de Rivera na sua entrevista de Mondariz com o sr. general Ivens Ferraz, afirmando que ao Rei de Espanha seria agradavel vêr em Madrid, o chefe da Nação Portuguesa. Com efeito, pouco depois D. Afonso XIII enviava ao general Carmona um convite nos termos mais captivantes para que o sr. Presidente da Republica fôsse seu hospede uns dias.

Tendo o jornalista preguntado se a viagem obedece apenas ao intuito de vêr as duas exposições e saudar o Monarca Espanhol, e não visa outro fim, o sr. general Carmona respondeu que «não», não visa outro fim «afirmo-lhe da maneira mais terminante».

As comitivas

Eis as pessoas que vão na comitiva presidencial, e que segundo as proprias palavras do Chefe do Estado português «são as correspondentes ao lugar que exerço e ao fim da viagem de que se trata, mas sem faustos nem ostentações excessivas»:

Presidente do Ministerio e ministro do Interior, general Ivens Ferraz, e um seu secretario; Ministro dos Negocios Estrangeiros, comandante Jaime da Fonseca Monteiro, e seu secretario; General Domingos de Oliveira, como chefe da casa militar do sr. Presidente da Republica; Lus Barreto da Cruz, chefe do protocolo; coronel Raul Esteves, ajudante de campo; comandante Pedroso de Lima, ajudante de campo; capitão Silva e Costa e tenente Carvalho Nunes, oficiais ás ordens, e o filho do sr. Presidente, Antonio Aderito Carmona, secretario particular.

Seguem no comboio especial tambem o sr. Embaixador de Espanha, D. Bernardo de Almeida y Herrero, e o adido militar sr. D Antonio de Tapia, que desde Valencia ficará ás ordens do sr. Presidente da Republica, e o sr. coronel Mousinho de Albuquerque.

No comboio presidencial vão cinco jornalistas, dois do *Seculo* e três do *Diario de Noticias, Comercio do Porto* e *Diario de Lisboa*.

Esta manhã chegaram a Valencia de Alcantara as ilustres entidades que ali vão aguardar o Presidente da Republica. São elas o Embaixador de Portugal, sr. Melo Barreto; o consul de Portugal em Madrid, sr. dr. Feliz de Carvalho; o nosso adido militar, tenente-coronel sr. Pereira Lourenço, e os componentes do sequito espanhol do Chefe do Estado português: srs. tenente-general, barão de Casa Davalillos; capitão geral de Madrid, marquês de Santa Maria Vibiar, mordomo-mós do rei; tenente-coronel Rafael Serra Astrain, ajudante de ordens do rei, que ficam ás ordens do sr. Presidente da Republica, e os srs. Vicente Gonzalez Arnao, ministro plenipotenciario, tenente-coronel Miguel Iglesias que ficam ás ordens do nosso Chefe do Govêrno, e o sr. Cristobal Castillo de Campos, secretario de legação de 1.ª classe, ás ordens do sr. ministro dos Estrangeiros.

De Valencia a Madrid, até á «gare» do Norte, onde o comboio se dirige e não a Delicias, vão tambem os engenheiros director e sub-director dos Caminhos de Ferro Espanhois M. C. P., o chefe e sub-chefe de movimento, o chefe do material e tracção e o inspector de linha.

Em Madrid

O comboio presidencial chega á «gare» do Norte ás 11, sendo o chefe do Estado português aguardado pelo Soberano espanhol, Presidente do Govêrno, Primo de Rivera, mais ministros e altas entidades oficiais.

Organiza-se o cortejo que se dirige ao Palacio do Oriente, onde ficam hospedados o sr. general Carmona, e seus oficiais ás ordens, ajudantes e secretario. (O resto da comitiva hospeda-se no Ritz).

A's 12,15, visitas oficiais do sr. Presidente da Republica a SS. AA. os infantes de Espanha e aos embaixadores acreditados junto de S. M. o rei Afonso XIII; ás 13,30, almoço intimo no Palacio Real; ás 15, visita do sr. Presidente da Republica ao Escurial; ás 19, recepção ao corpo diplomatico no Palacio Real; ás 21,15, banquete de gala no Palacio Real; ás 22,30, recepção no Palacio Real.

O programa dos dois dias seguintes é:

Dia 18 — De manhã, visita aos museus; ás 13 horas, almoço oferecido pelo Govêrno de S. M. ao presidente do Ministerio e ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal, no Hotel Ritz; ás 13,30 almoço intimo no Palacio Real; ás 15,30, cerimonia do Colegio de Doutores, na Universidade Central; ás 17 horas, recepção no «Ayuntamiento»; ás 21,30, banquete de gala na embaixada de Portugal.

Dia 19 — De manhã, excursão a Toledo; ás 17,30, recepção da colonia portuguesa e das autoridades espanholas na embaixada de Portugal; ás 22 horas, partida do sr. Presidente da Republica para Barcelona, onde estará nos dias 20 e 21, seguindo depois para Sevilha, para regressar a 25.

AOS ESTUDANTES
Pastas para livros
CASA DAS CARTEIRAS
100, RUA DA PRATA, 100

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

BRITISH BAR
aberto toda a noite
Especialidades em: WHISKIES, GINS, VERMOUTHS e COCKTAILS
52 - R. Bernardino Costa - 54
vulgo Corpo Santo, ao Cais do Sodré TEL. 1537 T.

Uma exploração

AS bases do concurso para o Teatro Nacional foram hoje publicadas

O *Diario* de hoje publica as bases a que deve obedecer o concurso para exploração do Teatro Nacional Almeida Garrett.

O adjudicatario terá que fazer, até 31 de Dezembro de 1931, as obras indicadas pela Comissão de Vistorias.

Obriga-se a pagar uma renda, a indicar na proposta, calculada sôbre a receita bruta de duzentas representações em cada ano.

O elenco da Companhia será constituido por dez figuras, ingenuas, galãs, dama galã, dama central, caracteristico e caracteristica, centro cómico, centro dramatico e *soubrette*.

Em cada época serão, obrigatoriamente, representados dois originais portugueses, em três ou mais actos, sendo obrigatoria, tambem, uma recita classica.

A escolha de reportorio e representação devem corresponder ás tradições e dignidade da primeira scena portuguesa.

A exploração será feita apenas como teatro declamado, excepto no Carnaval.

Todas as responsabilidades juridicas e economicas de exploração do teatro são assumidas pelo concessionario.

Ficam proibidos os bailes de mascaras, com caracter publico, na sala do teatro, bem como a cedencia do teatro para efeitos diversos dos que constam das bases publicadas.

A concessão de exploração é pelo praso de cinco anos.

O praso do concurso é de quinze dias, devendo as propostas ser abertas e lidas em publico, meia hora depois dele terminado.

O juri que as apreciará será composto pelo director geral de ensino superior, pelo director do Conservatorio de Teatro, pelo inspector geral dos espectaculos e pelo comissario do Govêrno junto do Teatro Nacional.

O pão

(*Continuação da 7.ª página*)

pessimo cheiro: 3.000$00.

Companhia Nacional de Alimentação, Alto dos Toucinheiros, pão, mal fabricado e pessimo cheiro: 3.000$00.

Intendencia Geral de Segurança Publica, em 16 de Outubro de 1929.

O Intendente Geral, *Fernando Mousinho de Albuquerque*, (Coronel).

Fixação de residencia

«O Govêrno fixou residencia em Pampihosa da Serra, aos seguintes individuos, de harmonia com a nota acima publicada:

Dr. Amandio de Campos Antonio Agostinho, João Baptista de Barros, José Augusto Pereira.

Estes individuos são industriais de padaria.»

SILVA NOGUEIRA
Artista photographo, e photographo de Artistas
R. da Escola Politecnica, 141
PHOTOGRAPHIA BRAZIL